



Amira... maior d
aras do seu reino. Exal
combaudo, ...
profaram para est... os do portentoso Impéri
... mantio, graças a táticas e decisõe
... guerra.
béllicas do Imperador Carlos Magno empenhado em dizi
... o batismo, assim como destaca o famosíssimo talent
... oleão Boni
os v... res sempre ocuparam lugar privilegiado nas páginas da História. Todavia, com
Nov... stória volta o olhar para os vencidos, os excluídos, os que não tiveram voz nen
... anteão dos privilegiados.
... a vocês: O que realmente significa a visita, pelo menos uma vez por ano
... chizado? Entre coroas de flores, saudações de tiros de canhões, militare
... ulando ao vento, olhares consternados. O qu

CONVIVÊNCIA

REVISTA DO PEN CLUBE DO BRASIL

Segunda Fase
2º Semestre 2011 Número 1
Rio de Janeiro – Brasil



PEN CLUBE DO BRASIL
Fundado a 2 de abril de 1936
Filiado ao PEN Internacional de Londres

CONVIVÊNCIA

REVISTA DO PEN CLUBE DO BRASIL

Segunda Fase
2º Semestre 2011 Número 1
Rio de Janeiro – Brasil

PEN CLUBE DO BRASIL

DIRETORIA
(Triênio 2011/2013)

Presidente: Cláudio Aguiar
Vice-Presidentes: Clair de Mattos e Cecília Costa

Conselho de Curadores

Antonio Carlos Secchin
Antonio Fantinato Neto
Délio Mattos
Godofredo de Oliveira Neto
Ivan Junqueira
Reynaldo Valinho Álvarez
Ronaldo Mourão

Conselho Fiscal

Ana Arruda Callado
Helena Ferreira
Francisco de Paula Souza Brasil



Sede Social Própria:
Praia do Flamengo, 172 – 11º Andar
Flamengo – Rio de Janeiro / RJ
CEP 22210-030 – Brasil
Tele-Fax: (21) 2556-0461
www.penclubedobrasil.org.br
pen@penclubedobrasil.org.br

CONVIVÊNCIA / REVISTA DO PEN CLUBE DO BRASIL
ISSN 1518-9996

EDITORA-RESPONSÁVEL
Cecília Costa

CONSELHO EDITORIAL

Alcmeno Bastos
Ana Arruda Callado
Antonio Carlos Secchin
Cláudio Aguiar
Délío Mattos
Geraldo Holanda Cavalcanti
Godofredo de Oliveira Neto
Helena Ferreira
Ivan Junqueira
Mary del Priori
Reynaldo Valinho Álvarez
Ronaldo Mourão
Tânia Zagury

CORRESPONDENTES

Ceará: Roberto Pontes
Paraíba: Elizabeth Marinheiro
Pernambuco: Lucila Nogueira
Bahia: Aleilton Fonseca
Minas Gerais: Ronaldo Werneck
Brasília: Fabio de Souza Coutinho
São Paulo: Raquel Naveira
Santa Catarina: Péricles Prades
Paraná: Miguel Sánchez Neto
Rio Grande do Sul: Flávio Loureiro Chaves

*

Pede-se permuta. We ask for exchange. Pide-se canje.
On demande l'échange. Man bitter um Austausch.
Chiedesi scambio.

*

Os textos assinados são de inteira responsabilidade de seus autores.

SUMÁRIO

Editorial

Reaparece a Convivência, 6

Especial

Nova Diretoria do PEN Clube, 7

Comemoração dos 75 anos de fundação do PEN Clube do Brasil, 15

Efemérides literárias

Manuel de Oliveira Paiva: o acaso e a glória, *Cláudio Aguiar*, 17

Castro Alves – poeta brasileiro, *Alcmeno Bastos*, 26

África na visão de Castro Alves, *Raquel Naveira*, 35

Centenário de Raimundo Correia, *Augusto Sérgio Bastos*, 41

Poesia

Ivan Junqueira, 51

Marita Vinelli, 54

Tanussi Cardoso, 56

Estudos

Você acredita num mundo de paz?, *Helena Parente Cunha*, 59

Obsessões de um ficcionista, *Per Johns*, 65

Urdiduras da cor nos desenhos de César Romero, *Mirian de Carvalho*, 70

O escritor, o leitor e a criação, *Carmen Moreno*, 72

Adeus a Leodegário, *Helena Ferreira*, 76

Registros

Restaurado Prêmio Literário Nacional do PEN Clube do Brasil 2011, 78

Academia Brasileira de Letras (ABL) e PEN Clube do Brasil
celebram convênio de cooperação, 80

Brasil no 77º Congresso do PEN Internacional de Belgrado, 81

Memória

História da Revista Convivência, 85

Colaboradores, 95

Normas editoriais da Revista Convivência, 99

REAPARECE A CONVIVÊNCIA

O acontecimento, pelo menos no âmbito do PEN Clube do Brasil, é auspicioso e animador. No entanto, a ideia da restauração da revista também aponta para outras circunstâncias ou vertentes fundamentais perseguidas pelo Centro brasileiro.

Fundada em novembro de 1973, a revista *Convivência* teve onze (11) números editados ao longo de 27 anos, já que o último apareceu em dezembro de 2000. Mesmo sem ter conseguido manter a periodicidade, a revista adquiriu entre os membros do quadro social do PEN Clube e demais escritores brasileiros, grande prestígio, devido, sobretudo, à excelência das colaborações publicadas.

Nesta nova fase, ainda que a revista, em um primeiro momento, tenha sua linha editorial voltada, preferencialmente, para o acolhimento de colaborações dos membros titulares do PEN Clube do Brasil, na medida do possível também divulgará trabalhos de escritores ou pesquisadores não filiados à entidade, vez que o seu caráter nacional impõe a tentativa de maior abrangência na publicação de ideias e pesquisas culturais ou literárias de notório valor.

Neste número inaugural da segunda fase, *Convivência* reaparece em formato digital, mas a Diretoria tentará editá-la, em breve, também em formato impresso, mantendo o mesmo conteúdo das colaborações.

Os textos aqui publicados, via de regra, estão vinculados a fatos ocorridos no decorrer deste ano no âmbito da entidade, tais como, encontros com escritores, efemérides literárias, festa comemorativa dos 75 anos de fundação do PEN no Brasil. Destacamos, ainda, as seguintes ações: restauração do famoso Prêmio Literário do PEN Clube, criado em 1938 e paralisado há mais de uma década; celebração de convênio de cooperação entre a Academia Brasileira de Letras (ABL) e o PEN Clube; e, por fim, a presença do Centro brasileiro no 77º Congresso do PEN Internacional, realizado em Belgrado (Sérvia), nos dias 12 a 18 de setembro passado, iniciativa que facilitará o reingresso do Brasil na Associação Mundial de Escritores.

Cláudio Aguiar

NOVA DIRETORIA DO PEN CLUBE DO BRASIL

A posse da nova Diretoria, eleita em 15 de fevereiro deste ano, ocorreu no Salão Nobre do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), na cidade do Rio de Janeiro, no dia 21 de março.

A chapa vitoriosa e empossada para o triênio 2011-2013 tem a seguinte composição: Cláudio Aguiar – Presidente; Clair de Mattos e Cecília Costa – Vice-Presidentes; *Conselho de Curadores*: Antonio Carlos Secchin, Antonio Fantinato Neto, Délio Mattos, Godofredo de Oliveira Neto. Ivan Junqueira, Reynaldo Valinho Alvarez, Ronaldo Mourão; *Conselho Fiscal*: Ana Arruda Callado, Helena Ferreira, Francisco de Paula Souza Brasil.

Discurso do Presidente Cláudio Aguiar

Senhoras e senhores:

Levado por sincera estima ao PEN Clube do Brasil, entidade já longeva no âmbito das letras brasileiras e, também, em virtude de apelos de queridos amigos, assumo a sua presidência ciente das enormes responsabilidades afetas a tal missão.

Como é possível haver, aqui, entre nós, algumas pessoas que não conhecem o significado da sigla P.E.N., explicarei, em rápidas palavras, a origem dessa associação mundial de escritores. A sigla está formada pelas letras P, de Poetas; E, de Escritores de qualquer gênero literário; e N, de Novelistas. Estas três letras formam a palavra inglesa *pen*, isto é, pena, em português, a qual foi tomada como emblema da condição de escritor.

O PEN Clube foi fundado em Londres, em 1921, portanto, há 90 anos, pela escritora Catherine Amy Dawson-Scott. A finalidade precípua era promover o conagraçamento dos escritores de todos os países, divulgar suas obras e defender a liberdade de expressão ou pensamento.

Após a criação do PEN londrino, logo se fundaram outros PEN's em Paris, Berlim, Roma, Bruxelas, Genebra, Barcelona, Lisboa e vários outros países da Europa. Hoje existem cerca de 150 Centros por todo o mundo.

O Centro brasileiro – PEN Clube do Brasil – foi fundado em 2 de abril de 1936 pelo escritor e acadêmico Cláudio de Souza. A entidade congrega cultores da palavra escrita e falada, os quais pugnam pela preservação de princípios ligados à promoção da literatura, à defesa da liberdade de expressão e à manutenção de indispensável clima de convivência, paz e harmonia. Nos tempos atuais, admite-se, também, a presença de jornalistas, tradutores e editores no corpo social dos PEN's Clubes, vez que tais profissionais atuam no mesmo universo da palavra, meio fundamental para a intermediação de salutar convivência entre os povos. Essa forma de cooperação entre os homens de letras do mundo, certa feita, foi definida pelo nosso confrade Antonio Candido, autor da *Formação da Literatura Brasileira*, em memorável homenagem prestada pelo Centro brasileiro, em 1992, com estas palavras elucidativas: “Pertencer ao PEN Clube significa a possibilidade de superar a dimensão dos grêmios restritos, para entrar numa vasta comunidade que se alarga em princípio por todo mun-

do, e desse modo ajuda o intelectual a transpor as limitações locais, integrando-o numa esfera mais universal de entendimento.”

Nesse sentido, merece ser destacado o vínculo institucional mantido pelo PEN Clube do Brasil com o PEN Internacional, fazendo, assim, parte da rede mundial formada por cerca de 150 centros. Da ação desses Centros, sempre motivados pela instauração de clima de convivência, cada um a seu modo, ressalvadas as peculiaridades regionais ou nacionais, tem sido possível conquistar o respeito e a consideração dos povos situados nos diferentes países.

Seguirei, portanto, esse caminho com a intenção de dar continuidade à trajetória feita pelo PEN Clube do Brasil ao longo de sete décadas e meia, procurando, na medida do possível, preservar as nossas características, mas sem perder de vista as responsabilidades assumidas em favor da permanente manutenção da paz, da harmonia e do respeito mútuo entre os povos, conforme princípios básicos assegurados nas Cartas constitucionais de cada nação.

Nas diretrizes que norteiam as ações da atual Diretoria do PEN Clube do Brasil, foram estabelecidos dez pontos fundamentais que pretendo cumprir durante o triênio ora iniciado. Essas diretrizes programáticas serão desenvolvidas, simultaneamente, em duas áreas: primeira, a administrativa; e, segunda, a cultural.

Em relação à gestão administrativa serão retomadas medidas urgentes para salvaguardar o patrimônio físico da entidade, já que tal patrimônio, legado pelo fundador e grande benfeitor, acadêmico Cláudio de Souza, constituído por bens móveis e imóveis, destinava-se, conforme seu desejo, explicitamente registrado em escritura pública, a dar ao PEN Clube do Brasil solidez e longevidade a partir de receitas produzidas pelo adequado uso do mencionado acervo patrimonial.

Cabe, rápida referência ao esforço a ser posto em prática no sentido de dotar o PEN Clube de meios modernos de comunicação entre seus associados e o público em geral. Para tanto, será restabelecida a circulação da página de Internet, além da inserção do PEN nas redes sociais de comunicação.

Serão, ainda, reeditados os tradicionais veículos da entidade: *Boletim* mensal de informações e a prestigiosa revista *Convivência*. Estes meios de comunicação, dado à situação financeira vivida no momento, circularão em edições virtuais.

Com referência às atividades culturais, o objetivo fundamental será o de realizar programas permanentes alinhados à destinação da entidade, a exemplo do projeto “PEN e a Comunidade”, além de outros atos revestidos de caráter cultural e educativo.

Além disso, o PEN Clube, por ser o Centro brasileiro, tentará chegar aos escritores domiciliados nas demais regiões, já que, por natureza, a entidade se encontra constituída em um país de dimensões continentais. Assim, tentarei trabalhar para que o PEN Clube do Brasil seja realmente uma entidade do Brasil, como ocorre com outros Centros de países de dimensões continentais ou de culturas diversificadas que estimulam a participação de associados em delegações situadas nas suas distantes regiões, como os Centros dos Estados Unidos da América, da Itália, da Espanha, de Portugal, da Alemanha etc.

Impõe-se, ainda, envidar esforços no sentido de manter o PEN Clube do Brasil em permanente contato com os demais Centros do mundo, buscando intercâmbios e troca de experiências, pois é de sua destinação e natureza interagir, mediante ações concretas, com a rede mundial de PEN's. Ademais, essas tentativas vinculam-se ao próprio caráter internacional dessa associação de escritores, manifestado, sempre, não apenas por declaração de intenções constantes de seus estatutos e regimen-

tos, mas por concretas ações de solidariedade, as quais, na essência, funcionam como elementos catalizadores ou aglutinadores capazes de nos conservar em permanente rede.

Foi, por exemplo, em função desse ânimo de solidariedade, que o acadêmico Cláudio de Souza, logo após fundar o PEN, em 1936, criou a “Casa do Escritor Internacional”, espaço físico, então, destinado a apoiar, espiritual e materialmente, escritores estrangeiros que visitassem ou se exilassem no Brasil, principalmente a partir da eclosão da Guerra Civil Espanhola, em 1936, e, logo em seguida, em 1939, a Segunda Guerra Mundial. Por aquela época, vários escritores por aqui passaram com destino a Buenos Aires, onde se realizou, em 1937, um dos mais importantes Congressos Internacionais de PEN’s Clubes de todo o mundo.

Bastaria citar dois exemplos para dar ideia da importância das ações levadas a cabo pela entidade sob o império da solidariedade e da convivência. Giuseppe Ungaretti, ao passar por São Paulo rumo a Buenos Aires para participar do congresso do PEN, terminou aceitando convite para lecionar na Universidade de São Paulo (USP), onde permaneceu até 1942. Foi essa experiência no magistério que, mais tarde, levaria Ungaretti a ser nomeado para o cargo de Catedrático da Universidade de Roma por notório saber ou como os italianos preferem chamar: *per chiara fama*.

O caso mais notável e emblemático, porém, ocorreu com o escritor Stefan Zweig, que, também, antes de ir a Buenos Aires para o mencionado Congresso do PEN argentino, fez escala no Rio de Janeiro para conhecer *in loco* o PEN brasileiro recém instalado. Curiosamente, anos mais tarde, quando ele resolveu fugir dos desastres da guerra provocados pela ação dos nazistas alemães, foi no PEN Clube do Brasil onde encontrou o apoio e o espaço necessários para refazer sua vida intelectual entre nós. Infelizmente, o destino traçou-lhe final trágico, quando, ao saber dos avanços das forças militares de Hitler sobre a Áustria, sua terra natal, desolado, Stefan Zweig não resistiu ao profundo golpe psicológico e, em 1942, em Petrópolis, pôs fim à existência, juntamente com a esposa.

Quero agradecer a todos associados que se manifestaram das mais variadas maneiras em apoio à caminhada que ora empreendemos, e, de modo especial, aos membros dos Conselhos de Curadores e Fiscal e da Diretoria pelo irrestrito apoio às iniciativas a serem implementadas ao longo de nossa gestão.

Aproveito a oportunidade para convidar todos os presentes para a festa de comemoração dos 75 anos de fundação do PEN Clube do Brasil, a ser realizada no dia 25 de abril próximo, em nossa sede social, ocasião em que será reverenciada a memória do fundador, acadêmico Cláudio de Souza, e proferida conferência sobre tema ligado à liberdade de expressão pronunciada pelo jornalista e escritor Alberto Dines. Ao final da solenidade, será inaugurada a galeria de ex-presidentes do PEN Clube do Brasil, integrada pelos seguintes escritores: Acadêmico Cláudio de Souza, Acadêmico Barbosa Lima Sobrinho; Celso Kelly, Acadêmico Elmano Cardim, Acadêmico Marcos Almir Madeira, Maria Beltrão, Acadêmico Geraldo Holanda Cavalcanti e Cláudio Murilo Leal.

Minhas senhoras e meus senhores: encerro minhas palavras relembrando que, ao iniciar estas breves considerações, falei em responsabilidades enormes afetas à gestão da presidência do PEN Clube do Brasil. Embora essas responsabilidades possam ser tomadas como sérias dificuldades, eufemismo que talvez não consiga esconder ou mascarar a realidade, quero lhes dizer que isso não me assusta. Chego a pensar que o bom navegante se revela em mar aberto e agitado e a vida, em muitos aspectos, conleva em si os mistérios e os imprevistos perigos do mar.

Por isso, neste momento, tomo para mim a medida ou a divisa sugerida por Miguel Torga, uma das mais respeitáveis vozes que Portugal deu ao mundo, quando disse:

“O triunfo e a derrota não me importam.
Nenhum triunfo vale o sol que o doira,
E nenhuma derrota o é na morte
Que temos certa.
Quero apenas fazer a descoberta do que posso e não posso,
Sem perder nada.
Aprendo a conhecer o meu tamanho
Pela maneira como perco ou ganho.”

Discurso do Embaixador e Acadêmico Geraldo Holanda Cavalcanti em nome do corpo
social do
PEN Clube do Brasil

Senhoras e senhores:

Quiseram alguns confrades do PEN Clube do Brasil dar-me o privilégio de, representando-os, representar toda a fraternidade do Pen Clube nesta ocasião em que assume uma nova Diretoria. Aceitei o encargo, que não me é pesado, pois não apenas sou, sempre fui, partidário da renovação nas cúpulas de qualquer instituição que deseje ser representativa da coletividade que tem sob sua guarda, como pelos laços de amizade que tenho com o que entrega e o que recebe o bastão desta presidência.

Quando o tive em minhas mãos, fiz questão de salientar o caráter peculiar do PEN Clube, que bem o distingue dos institutos e academias congêneres, dedicados uns a pesquisas orientadas a seus particulares objetivos setoriais, e outras a servirem de centros de intercâmbio e difusão cultural.

Em que difere o PEN Clube, qual a sua especificidade?

Eu diria que sua definição começa pelo seu próprio título, sendo o PEN um clube, e, como todo clube, um grupo selecionado e coeso de membros que compartilham certos valores e praticam a convivência como forma de atualizá-los. Não à toa, a revista que já teve o PEN Clube em outras eras, e o Boletim mais recente que a substituiu, tinham como nome a palavra “convivência”. Nosso novo presidente se propõe reativar a revista, e esperamos todos que o consiga. Outros objetivos que nos foram apresentados no programa com que se candidatou merecem, igualmente, a nossa aprovação, e a alguns deles me referirei depois. Antes, cabe-me dizer algumas palavras sobre quem é a pessoa que os apresenta, e que agora tem a responsabilidade de realizá-los. Quem é Claudio Aguiar?

Diz o lugar comum da oratória que se deve começar a apresentação do homenageado dizendo que ele não precisa de apresentação. Precisa sim. Porque a apresentação não é só a revelação dos feitos e das qualidades do apresentado que podem ser até abundantemente conhecidos. É uma homenagem a ele prestada por quem a faz.

Cláudio Aguiar, este ilustre cearense-pernambucano-olindense e carioca, é dessas pessoas que não deixam transparecer ao observador inadvertido suas inúmeras qualidades. E a modéstia é uma de suas maiores. Mas sua voz mansa e tranquilidade aparente escondem uma mente arguta, um incansável trabalhador intelectual e um rigoroso temperamento ético.

Mente arguta revelada na sua obra ensaística por onde a passou por personagens como Euclides da Cunha, Gilberto Freyre, Franklin Távora, Padre Vieira, Cervantes, Unamuno e quantos outros mais.

Incansável trabalhador porque sendo advogado e especialista em Direito Internacional, doutor nessa disciplina pela Universidade de Salamanca, encontrou tempo para uma fértil presença nas letras brasileiras, seja no romance, como *Caldeirão*, Prêmio José Olympio de romance em 1981 e do Instituto Nacional do Livro, em 1982, traduzido e publicado na França em 2005; ou *A volta de Emanuel*, Prêmio Osman Lins do Governo do Estado de Pernambuco, em 1989, traduzido e publicado na Rússia em 2006; ou *A Corte Celestial*, Prêmio Lucilo Varejão, da Prefeitura do Recife; e *Os anjos*

vingadores, Prêmio Fernando Chinaglia, da União Brasileira de Escritores, em 1994. A essa premiadíssima produção no romance podemos acrescentar sua obra de contista, com três livros publicados, e, faceta muito especial, a obra dramática, com cinco peças publicadas e representadas nos últimos trinta anos.

Quando iniciei este discurso, mencionei a especificidade do PEN Clube do Brasil vis-à-vis as congêneres associações dos tipos Instituto e Academia. Cláudio Aguiar tem a experiência e o saber vivido de pertencer a expoentes de cada uma dessas categorias. É membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), da Academia Pernambucana de Letras e do PEN Clube do Brasil. Tem assim, no seu acervo de habilidades, a capacidade de transitar sem empecilhos entre esses três mundos capitais de estudiosos e praticantes da vida cultural brasileira.

Seu temperamento ético, falei. E aqui posso dar um testemunho pessoal na maneira como nele encontrei um colaborador atento, dedicado, e, sobretudo, correto durante o pouco tempo em que o tive a meu lado na presidência do PEN Clube.

Volto agora ao programa que nos vem de apresentar Cláudio Aguiar. Sem precisar repetir o que ele já disse, com palavras certas e determinação sincera, quero ressaltar três aspectos de seus projetos para o PEN Clube: Uma maior irradiação nacional, conectividade com a rede internacional dos PEN Clubes e modernização de sua estrutura e modo de funcionamento. Já é programa para deixar na história do PEN Clube marca indelével.

Para atingir essas metas cerca-se Cláudio Aguiar de equipes que podem lhe assegurar a colaboração de elite de que precisa, com um corpo de dirigentes e os Conselhos de Curadores e Fiscal compostos por sócios da maior capacidade intelectual e idoneidade. E também, estou certo disso, porque os conheço individualmente, desejosos e dispostos a tudo fazer para que o PEN Clube alcance os patamares de apreço social e efetiva contribuição para a vida cultural do país que almejam. O PEN Clube precisa deles. Mas precisa, sobretudo, de todos nós, seus membros; precisa da nossa confiança, da nossa presença, da nossa contribuição financeira, pois a obra é imensa, o desafio enorme.

Se estou aqui representando o voto de confiança dos membros do PEN Clube do Brasil na nova administração e o desejo de todos de assistir a esse renascimento do PEN Clube, atrevo-me a dizer a você, Cláudio, a vocês, membros da Diretoria, do Conselho de Curadores e do Conselho Fiscal, contem com o nosso apoio e os nossos melhores votos.

75 ANOS DE PEN CLUBE DO BRASIL

Os 75 anos de fundação do PEN Clube do Brasil (1936-2011) foram comemorados festivamente na sede social da entidade no dia 25 de abril.

Coincidindo com a abertura do Ano Cultural a solenidade constou de conferência pronunciada pelo jornalista e escritor Alberto Dines, que destacou as origens do PEN Clube brasileiro e suas relações com as lutas sobre liberdade de expressão, sobretudo as ocorridas no final de 1930 e início da década de 1940, em pleno período dos grandes conflitos bélicos da Guerra Civil Espanhola e da Segunda Guerra Mundial.

Alberto Dines, além de Professor Visitante da Escola de Jornalismo da Universidade de Columbia, Nova York (1974-1975), criou o *Jornal dos Jornais* (Folha de S. Paulo, 1975-77), primeira experiência regular de crítica da imprensa, Foi co-Fundador e Pesquisador Senior do LABJOR (Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo da Unicamp). É, também, um dos fundadores do Observatório da Imprensa (Portugal). Nele inspirado criou o Observatório da Imprensa (Brasil), primeiro site periódico de acompanhamento da mídia, hoje com versões impressa e televisiva (esta em rede nacional). Autor de livros de ficção, reportagens, teoria e prática jornalística, biografia e história, Dines publicou *Morte no Paraíso - a tragédia de Stefan Zweig* (Nova Fronteira, 1981) e *Vínculos do Fogo*, Tomo I (Cia. das Letras, 1992), entre outros.

A solenidade contou, ainda, com a inauguração de mostra sobre o fundador e grande benfeitor do PEN Clube do Brasil, Acadêmico Cláudio de Souza e da galeria dos ex-presidentes do Centro brasileiro.

Na abertura do ato o Presidente Cláudio Aguiar declarou: “Comemorar é, fundamentalmente, lembrar. Por isso, estamos aqui. Lembraremos, hoje, um feito importante para as letras brasileiras: a fundação, há 75 anos, de uma associação cultural com destinação e finalidade especiais: congregar cultores da palavra. E o fazemos porque o ato de lembrar, provocar lembranças, também pode existir não apenas para louvar, mas, sobretudo, para manifestar gratidão. [...] Nos dias atuais não creio ocorrer com frequência atos de desprendimento pessoal e de benemerência assemelhados aos praticados por Cláudio de Souza que, em vida, fundou e dotou o PEN Clube do Brasil de bens materiais indispensáveis ao seu funcionamento. Fez mais. Após sua morte, constatou-se a doação de bens móveis e imóveis a esta instituição, em volume tal que, ainda hoje, causa admiração àqueles que examinam seu legado.”

MANUEL DE OLIVEIRA PAIVA: O ACASO E A GLÓRIA

Cláudio Aguiar

No título desta comunicação sobre o romancista Manuel de Oliveira Paiva (1861-1892), falo, de saída, em glória. No entanto, essa ideia de celebridade vem antecedida de outra: o acaso. Por isso, seria válido admitir-se que, se não fosse o extraordinário lance de sorte, dificilmente estaríamos, hoje, aqui, falando deste grande brasileiro nascido no Ceará. Que acaso foi esse? Será que muitos outros autores sepultados no silêncio de suas últimas moradas esperam a mesma sorte? Mais adiante revelaremos o que se deu com Oliveira Paiva.

A glória, por outro lado, foi definida por sábios, filósofos e escritores ora como sonho de uma sombra, ora como um instante de felicidade, ora como uma caminhada por uma estrada onde não abundam flores, ora como um círculo feito na água que nunca termina de alargar-se, até que, à força de dilatar-se, se perde totalmente no nada, como escreveu Shakespeare. A glória chegou a ser entendida como pecado divino, porque a grandeza é qualidade ou atributo de Deus. E, por falar em Deus, lembremos Santo Agostino que viu a glória como vaidade humana, portanto, algo não comestível, mas apenas fluida e vazia como o vento. Essa ideia de utilitarismo foi também referida por Balzac, que a associou a outras curiosas imagens para, no final, arrematar que a glória, por ser um veneno, deve ser tomada em pequenas doses. A esse elenco de ideias, imagino, não poderia faltar a de Boécio, que dizia ser a glória humana apenas um grande rumor de vento a passar pelos nossos ouvidos.

A glória de Manuel de Oliveira Paiva, porém, é daquelas que chegam depois da morte e, portanto, livrando o mortal de tomar conhecimento dela. É reconhecimento construído pelos pósteros, fruto de obra erigida ao longo de uma trajetória, na qual não viçaram tantas flores, porém cardos e espinhos plantados pelo misterioso destino.

Autor de apenas dois romances, 12 contos, algumas poesias e folhetos em defesa da abolição da escravidão e da proclamação da república, Manuel de Oliveira Paiva nasceu a 2 de julho de 1861, em Fortaleza, e morreu na mesma cidade, em 12 de setembro de 1892. Este ano, portanto, comemoramos 150 anos de seu nascimento.

Era filho do mestre João Francisco de Oliveira, português, dos Açores, e de Dona Maria Isabel de Castro Paiva, integrante de tradicional família cearense. Órfão de pai aos 14 anos, vivendo no Crato, o jovem Manuel foi matriculado no Seminário Episcopal, onde permaneceu pouco tempo devido a problemas de natureza disciplinar. Por interferência de um tio materno, foi matriculado na Escola Militar do Rio de Janeiro, aonde chegou por volta de setembro de 1877.

Novamente o jovem cadete Manuel encontrou sérios obstáculos na nova escola, desta feita, provocados pelo seu débil estado de saúde. Em 1883, diante do agravamento da saúde, abandona a Escola Militar e retorna a Fortaleza.

Por essa época, começa a participar das atividades cívico-literárias e filia-se à Libertadora Estudantal e logo à Sociedade Cearense Libertadora, um dos principais braços responsáveis pelo

processo de libertação dos escravos no Ceará. Ao mesmo tempo, escreve versos e textos em prosa para a revista *A Cruzada*. Nesta fase inicia a publicação, em folhetins, um drama intitulado *Tal filha, tal esposa*. Faz grandes amizades com seus colegas de geração, destacando-se, entre outros, o nome de Antonio Salles.

Em seguida, passa a colaborar assiduamente no jornal *O Libertador*, escrevendo não apenas textos de cunho jornalístico, mas também literários, a exemplo de obras mais expressivas, como o primeiro romance *A Afilhada*. Essas matérias, a depender das circunstâncias, ora apareciam assinadas com seu nome verdadeiro – Oliveira Paiva –, ora com os pseudônimos Gil ou Gil Bert.

Suas atividades se diversificam de tal sorte que, quando surge o Clube Literário, fundado, em 1886, por João Lopes, as convocatórias e os avisos da entidade são assinados por Oliveira Paiva, então, ocupando o cargo de primeiro secretário. O Clube Literário, segundo assinalou o historiador da literatura cearense, Sânzio de Azevedo, foi responsável pelo aparecimento de alguns dos maiores nomes da literatura do Ceará. A importância do Clube também se confirma pela criação da revista *A Quinzena*, voltada exclusivamente para a literatura. Nela Oliveira Paiva colabora intensamente, ora escrevendo crítica, ora textos doutrinários, ora crônicas. O mais importante dessa fase foi a publicação da série de contos, alguns considerados antológicos, tamanho o virtuosismo do ficcionista que, mais tarde, seria confirmado como o autor da obra-prima da literatura brasileira: *Dona Guidinha do Poço*.

A obra de Manuel de Oliveira Paiva é daquelas que se prestam ao bom remate, a uma frase de efeito ou mesmo a uma imagem de oposição: pequena na quantidade, mas grandiosa na qualidade.

Já afirmamos, antes, que sua obra se resume apenas em 2 romances, 12 contos, algumas poesias, crônicas, folhetos panfletários ligados às causas da abolição da escravidão e proclamação da república, além de outros textos jornalísticos.

Vou me deter com maior interesse nos dois romances: *A Afilhada* e *Dona Guidinha do Poço*.

A Afilhada, o primeiro romance, concluído em 1889, quando já se agravara a saúde do romancista, começou a aparecer em folhetins do jornal *O Libertador*, entre 6 de fevereiro a 29 de abril de 1889, portanto, no decorrer de exíguo espaço de 83 dias.

Este romance, porém, ficou inédito em livro até 1961, quando publicado pela editora Anhambi. Ocorre que, por falta de rigorosa revisão do texto dos folhetins à vista dos originais do autor (até hoje desaparecidos) e as inúmeras gralhas tipográficas identificadas pelo dedicado estudioso de Oliveira Paiva, Rolando Morel Pinto, professor da Universidade de São Paulo (USP), organizador de sua obra completa, a edição mais próxima da vontade do autor ainda é a dos folhetins.

A Afilhada conta a história de Antonia, a heroína, de origem humilde, ainda muito jovem exposta a toda sorte de riscos em função de sua classe social, situação ampliada pelo seu temperamento de mulher excessivamente sensual.

A crítica, sobretudo a de Lúcia Miguel Pereira, viu neste primeiro romance de Oliveira Paiva a presença de enfoques naturalistas e realização estilística situados em nível inferior ao segundo e último romance: *Dona Guidinha do Poço*.

Se, por um lado, *A Afilhada* não logrou a mesma altura estilística de *Dona Guidinha do Poço*, por outro, levou a vantagem de fixar com rigor o tempo e o espaço, notados na configuração do cenário onde se desenrola a história: a cidade de Fortaleza do final do século XIX. Nesse sentido,

Manuel de Oliveira talvez seja o primeiro romancista a trazer para o âmbito da literatura a “geografia estética” da capital cearense.

A leitura do romance termina por dar ao leitor a oportunidade de perceber a pintura e os ritmos humanos que dão vida à urbe sobre os mais variados ângulos. Essa característica do romance de Oliveira Paiva levou o crítico Braga Montenegro a afirmar que “*A Afilhada* é um romance de costumes, um romance de classe-média urbana, no qual se focaliza um quadro da sociedade cearense no declínio do Império, imediatamente anterior à emancipação dos escravos, época coincidente com a adolescência e a juventude do romancista.”

Já o romance *Dona Guidinha do Poço* é um livro de temática sertaneja, ambientado em pleno interior, a cidade de Quixeramobim.

O assunto do livro são os amores clandestinos vividos por Dona Guidinha e Secundino, o sobrinho do marido, e, naturalmente, as dramáticas e violentas consequências: assassinato do marido.

Essa história passional ocorreu de fato naquela cidade cearense. Quando Manuel de Oliveira Paiva, agastado com as mazelas da tuberculose que corroíam sua saúde, buscou novos ares, em Quixeramobim. Ali chegando, talvez para preencher o tempo de espera pela cura, trabalhou duro na estrutura e definição do romance, valendo-se de processo criminal relativo ao fato real ocorrido em 1853 e de amplo conhecimento na cidade. A utilização do fato real com a versão idealizada por Oliveira Paiva não se deu em forma de mera transcrição ou transposição das peripécias. O romancista aproveitou apenas os elementos estruturadores da trama, mas na essência realizou desdobramentos e variantes diferenciados para muitas cenas. Assim, a senhora Margarida Reginaldo de Oliveira Barros, a protagonista da história verdadeira, não deve ter sido, na vida real, necessariamente, parecida ou assemelhada nos aspectos mais íntimos e profundos de sua compleição psicológica com a personagem criada por Oliveira Paiva, a Dona Guidinha do Poço.

Aliás, a recorrência ao documento jornalístico, à notícia de jornal, pode, em certo sentido, assemelhar-se, ao fato histórico que também serve de mote ou tema para a realização romanesca. Em ambos os casos a ficção depende muito do esforço de imaginar situações singulares ou originais. No entanto, essa lógica não pode ser tomada assim ao pé da letra. Isso porque a palavra literatura, diante da realidade, assume inúmeros sentidos e alcances que precisam ser tocados e medidos, ainda que de modo rápido, para melhor entendermos uma dada obra. Assim como a literatura depende dos elementos criativos que a justifique, sobretudo, quando o tema ou o ponto de partida oferece como motivo um fato de natureza histórica, da mesma forma recorre-se ao ficcional para se estabelecer simulacros. Essa ideia aqui sugerida não se refere ao confronto com o dado documental ou histórico, mas simplesmente a um desejo que preside a ação criativa do romancista de narrar os acontecimentos não como eles realmente ocorreram, mas como deveriam ter sido.

Tem-se dito e repetido que todo romancista é um “mentiroso”. Quanto mais poderoso for o encanto da atmosfera criada (e eu não disse “mentiroso” no sentido de “mentira nua e crua”, mas no de “atmosfera ficcional”), tanto mais convincente se tornará a história. E, por via de consequência, estará criado o interesse por parte do leitor.

Isso foi o que aconteceu ao longo de toda a trajetória humana. Os efeitos provocados pela *mimese* (entendida como substituição ou imitação da realidade) e a *ficção* (como recurso mimético traduzido em texto literário), constituem os pilares fundamentais da literatura. É verdade que eles, na prática, não correspondem à realidade em si. No fundo, podem até ser extraordinárias ou maravilhosas. No

entanto, se tornam apreciadas e admiradas pelos leitores porque elas "imitam" o que poderia ter sido, conforme disse Aristóteles.

Ao exercitar esse poder, o romancista toma para si o direito de construir e erigir um "mundo possível", selecionando sequências de fatos ou acontecimentos marcados por uma convincente funcionalidade. Essa funcionalidade, amparada pela coerência, dá ao leitor aquele sentido de oposição entre o verdadeiro e o ficcional. Estamos, assim, diante de um universo ficcional em que se instaura uma verdade, inclusive, se for o caso, diferente da "verdade histórica", sobretudo quando se trata de um tema ou motivo histórico, como é o nosso caso. O escritor, por mais imaginativo ou fantasioso que seja, está como que autorizado pelo leitor a agir como se fosse autêntico guia dos fatos e acontecimentos. O leitor se deixa guiar e se convence de que a história real virou, de fato, uma *estória*.

A utilização do processo criminal pelo romancista Manuel de Oliveira Paiva foi, no entanto, um fato real. Ele teve em mãos os autos do processo, de acordo com minuciosa pesquisa documental levada a cabo por Ismael Pordeus.

Esse tipo de aproveitamento de assunto da realidade é comum na história da literatura. Entre nós, Aluisio Azevedo recorreu ao mesmo expediente para escrever o romance *Casa de pensão*.

O caso mais emblemático talvez seja o de Gustave Flaubert, que escreveu *Madame Bovary*, romance também centrado nos costumes de província, a partir de um fato real noticiado pela imprensa de seu tempo. Quando o livro apareceu, Flaubert foi processado e acusado por ultraje à moral religiosa e aos bons costumes.

Esse ponto de partida – o fato real –, porém, como se deu com Oliveira Paiva, não retirou o caráter de originalidade conferido pelo talento do romancista. Mesmo diante do fato real que o levou a pensar ou a imaginar a história, Flaubert reagiu de maneira curiosa quando disse: "Madame Bovary nada tem de verdadeiro. É uma história totalmente inventada. Todos os personagens desse livro são completamente imaginários e Yonville L'Abbaye é um lugar que não existe".

Ele mentia e sabia disso, porque, para ser autêntico inventor de ficções, de realidades imaginadas, para reconstruir um novo mundo, em ruínas ou reedificado sob o impacto de forças capazes de proporcionar a fruição do leitor, há que inventar e imaginar de tal sorte que pareçam verossímeis todas as afirmações feitas. Verossímeis no sentido em que defendeu Aristóteles em suas lições da *Poética*. Convém não perder de vista que uma das principais funções da literatura é revelar as mais diferentes facetas da alma humana, convertendo-as em pensamentos ou ideias. São esses frutos nascidos do gênio do escritor que, na maioria das vezes, induz o leitor a descobrir, durante a leitura e para o resto de sua experiência de vida, uma ou mais das seguintes sensações: deleite, sabedoria, piedade ou utilidade. O ideal seria que o texto literário guardasse o poder de sensibilizar o leitor com todas essas qualidades, de uma vez, mas, nem sempre isso acontece.

Daí, Gustave Flaubert, diante dos juizes acusadores, ter afirmado com fino sentido de cinismo e ironia: "Madame Bovary sou eu".

Em *Dona Guidinha do Poço*, o arguto leitor notará, de saída, a presença de pontos consistentes, quando o romancista privilegia motivações psicológicas, sem, contudo, deixar de lado as coordenadas de uma tessitura apoiada em rigoroso poder de imaginação e acerado estilo, tudo preso por tenazes nós, comportando-se como arguto crítico daquela realidade vivida por seus personagens.

Interessante observar que um dos aspectos relevantes nas análises realizadas pelo romancista cearense se refere ao confronto das realidades culturais vividas nas cidades litorâneas e as das vilas

ou povoados encravados no interior, em pleno sertão. Sugestão apontada em várias ocasiões, quando, por exemplo, utiliza o jovem Secundino para revelar hábitos ou comportamentos, costumes arraigados e diferenciados entre aquela gente simples. Destaque, ainda, para os sabores e odores da cozinha sertaneja, chegando a ponto de descrever em minúcias os ingredientes de certos pratos, quitutes, doces e salgados, e frutas exóticas. Entre tantas passagens, vejamos estas:

“No jovem civilizado vinha à tona, com aquela toada rústica a nostalgia do bárbaro e do selvagem. O homem primitivo lhe emergia de dentro, lá se ia o cérebro ruminando fantasias imensas como o tempo, em mundo de deleite, nu torpor de sonho.” (p. 34)

E nesta:

“Com o tempo fechado, a vida do interior tornava-se mais íntima e animada. Ficavam mais tempo à mesa, achando prazer na convivência, e tinham mais vontade de comer. Lá fora, ou o ruído da água e do vento, ou a claridade pondo um encanto no relevo da paisagem vicejante e lavada.”

Ou nesta:

“Era o dia de Secundino, e enfim ele se resignava. Ao almoço, paçoca. O dono da casa à cabeceira, de frente para a janela aberta sobre o sertão. A paçoca estava demasiado gorda.” (p. 43)

Mais adiante:

“Veio a fritada. Depois, linguiça de vaca, jerimum com leite, coalhada escorrida e requeijão”

Esses elementos, de claro contraste, conformam-se bem à estrutura do romance, porque, de fato, há, em todo corpo do livro, “engenhosidade do enredo e da arte de expressão”, para repetirmos aqui os precisos termos utilizados pelo crítico Rolando Morel Pinto. Prometi, minutos antes, falar sobre as curiosas peripécias vividas pelos originais do romance *Dona Guidinha do Poço*.

Recordo ter tomado conhecimento dessas insólitas peripécias há décadas, quando, pela primeira vez, li este romance e lamentei que o autor, Manuel de Oliveira Paiva, tivesse morrido tão cedo, com pouco mais de 30 anos. Pensei: quantas obras não poderia ter escrito este grande e infeliz cearense.

Só, então, tomei conhecimento da trajetória do livro logo após a morte do autor. A viúva de Oliveira Paiva entregou os originais ao escritor Antonio Salles, fiel amigo, com o pedido no sentido de que ele intercedesse junto a alguma editora para a publicação aqui no Rio. Diante de algumas tentativas infrutíferas, Salles pediu ao crítico José Veríssimo, no começo do século XX, que publicasse o livro de Oliveira Paiva, em capítulos, na Revista Brasileira, então dirigida por aquele escritor paraense. Essa forma de publicação ocorrera na fase anterior da prestigiosa revista, quando dirigida por Franklin Távora, tendo este, inclusive, publicado, em capítulos, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis.

José Veríssimo aceitou o pedido e começou a publicar o livro. No quarto capítulo, porém, a Revista Brasileira, sem conseguir superar as dificuldades editoriais da época, deixou de ser editada, encerrando-se, assim, mais uma das fases vividas por esse longo período das nossas letras, ainda hoje viva, em sua sétima fase, sob os auspícios da Academia Brasileira de Letras.

Antonio Salles não desistiu de tentar junto a outras editoras a edição de *Dona Guidinha do Poço*, mas sem resultado positivo. Ao cair enfermo, em 1940, Salles, talvez por pressentir o seu fim, remeteu, por carta, os originais do livro a Américo Facó, na qual pedia ao amigo:

“Faça o que eu não pude: torne livro algum dia o texto completo de Oliveira Paiva.”

Américo Facó, por sua vez, guardou zelosamente os originais de *Dona Guidinha do Poço*, mas não teve melhor sorte do que Antonio Salles, pois não encontrava editor para o livro. Foi preciso um golpe de sorte: Lúcia Miguel-Pereira, biógrafa e historiadora da Literatura Brasileira, ao escrever o livro *Prosa de Ficção (De 1870 a 1920)*, tomara conhecimento que a Revista Brasileira publicara alguns capítulos do livro, mas não sabia onde ou com quem estavam os originais. Um dia, por acaso, ela, sem o querer, deu com eles. Assim, Lúcia Miguel-Pereira narrou o encontro:

“Eis senão quando, inesperadamente, num providencial encontro em casa de um amigo comum, disse-me Américo Facó estar de posse dos originais completos de *D. Guidinha do Poço*, que lhe haviam sido entregues por Antonio Salles. Procurara-os tanto, sem imaginar que andavam em mãos tão próximas, e tão próprias para acolhê-los, sendo as de um cearense, um poeta e um letrado. Por sua vez, nada soubera Facó de minhas buscas. Não me contive que não fosse imediatamente ver o livro, não levasse comigo, não lesse logo até a última palavra, com o mesmo encanto.” (p. 445).

Apesar disso, Lúcia Miguel-Pereira não logrou encontrar editor. Só após algumas tentativas viu o livro publicado pelo decisivo empenho do escritor Mário da Silva Brito, que recomendou o livro à editora Saraiva, em 1952.

Assim, depois de 60 anos, os originais de Manuel de Oliveira Paiva viravam livro e ganhavam lugar definitivo no âmbito das letras brasileiras. Da noite para o dia o autor de *Dona Guidinha do Poço* conquistava merecido lugar ao lado de figuras como José de Alencar, Franklin Távora, Alfredo Taunay, Afonso Arinos, o velho, entre outros. Aliás, nada lhes devendo, apesar de ter escrito apenas dois romances.

A glória póstuma vivida por Manuel de Oliveira Paiva, desde a década de 1950, de certa forma, desmente aquela ideia bem escrita e ordenada pela pena de Shakespeare, referida no começo dessas breves considerações: “A glória é como um círculo na água, que nunca termina de alargar-se, até que a força de dilatar-se se perda no nada”.

Manuel de Oliveira Paiva, por força do romance *Dona Guidinha do Poço*, jamais se perderá no “nada”. Ao contrário, terá, sempre, lugar garantido em todos os cenários traçados por aqueles que se debruçam, como autores ou leitores, sobre a história de nossa literatura.

Esse tributo, em grande medida, justiça se faça, deve-se ao faro crítico da escritora Lúcia Miguel-Pereira que, além de ter descoberto o livro *Casa Velha*, de Machado de Assis, praticamente dado como perdido, também encontrou e trouxe à luz *Dona Guidinha do Poço*, de Manuel de Oliveira Paiva.

CASTRO ALVES – POETA BRASILEIRO

Alcmeno Bastos

A produção poética de Castro Alves pode ser vista sob duas óticas classificatórias que não se excluem reciprocamente, posto que seus traços mais notáveis estão presentes tanto na sua face lírica, em especial o lirismo amoroso, quanto na sua face épico-social de caráter condoreiro, sobretudo nos poemas que tratam do problema da escravidão.

A poesia lírico-amorosa de Castro Alves promove a humanização da figura da mulher, que não aparece mais como abstrata idealização da virgem sonhada, caso exemplar de Álvares de Azevedo, nem como nostálgica recordação de um amor irrealizado, como em Gonçalves Dias. Em Castro Alves a mulher aparece em carne e osso, parceira viva e atuante nos jogos de amor, presente e acessível. Ainda que alguns poemas tenham batido na tecla da distância entre o poeta e sua amada, como em “Aves de arribação”,

Hoje a casinha já não abre à tarde
Sobre as estradas as alegres persianas,
Os ninhos desabaram... no abandono
Murcharam as grinaldas de lianas!

Que é feito do viver daqueles tempos?
Onde estão da casinha os habitantes?
A Primavera, que arrebatava as asas...
Levou-lhe os passarinhos e os amantes!..

a predominância no lirismo amoroso de Castro Alves é da celebração do encontro de corpos. A imagem da mulher não se alimenta da evanescência intocável, mas se reparte na realidade física, material de seios, ombros, lábios, pés, tudo tocado pelo fogo do amor carnal, como em “Boa-noite!”:

É noite ainda! Brilha na cambraia
– Desmanchado o roupão, a espádua nua –
O globo do teu peito entre os arminhos
Como entre as névoas se balouça a lua...

É noite, pois! Durmamos Julieta!
Rescende a alcova ao trescalar das flores,
Fechemos sobre nós estas cortinas...
— São as asas do arcanjo dos amores...

A frouxa luz da alabastrina lâmpada
Lambe voluptuosa os teus contornos...

Oh! Deixa-me aquecer teus pés divinos
Ao doudo afago dos meus lábios mornos.

Mulher do meu amor! Quando aos meus beijos
Treme tua alma, como a lira ao vento,
Das teclas de teu seio que harmonias,
Que escalas de suspiros, bebo atento!

Ai! Canta a cavatina do delírio,
Ri, soluça, suspira, anseia e chora...
Marion! Marion!... É noite ainda.
Que importa os raios de uma nova aurora?!...

E mesmo quando adota uma perspectiva externa, como em “Adormecida”, doce evocação de uma cena distante no tempo:

Uma noite, eu me lembro... Ela dormia
Numa rede encostada molemente...
Quase aberto o roupão... solto o cabelo
E o pé descalço do tapete rente.

que o poeta contemplava sem nela interferir, mantendo-se, portanto, do lado de fora do espaço, embora presente, já que diz se lembrar da cena, a cuidadosa anotação dos elementos constituintes do quadro instaura um clima sensual, erótico. A moça, indefesa, dorme, “molemente recostada” numa rede, “Quase aberto o roupão... solto o cabelo/ E o pé descalço do tapete rente.”. O quadro é, sem dúvida, estimulador do desejo, pela sugestão de que o poeta possa, quando o queira, surpreender a moça, e pela ênfase discreta, se vale o paradoxo, no roupão quase aberto, no cabelo solto e no pé descalço. Em reforço, além do afrodisíaco “cheiro agreste” que exalam “as silvas da campina” e que chega à sala pela janela aberta, penetram no espaço onde dorme a jovem, “indiscretos”, os “galhos encurvados” de uma jasmineiro. Serão estes galhos que manterão, de modo vicário, um sugestivo torneio de enamoramento com a moça: tocados pela brisa, roçam ligeiramente seu rosto, provocando nela pequenos estremecimentos, depois do que retrocedem, para outra vez tocá-la e de novo se afastarem.

Era um quadro celeste!... A cada afago
Mesmo em sonhos a moça estremecia...
Quando ela serenava... a flor beijava-a...
Quando ela ia beijá-la... a flor fugia...

(. . .)

E o ramo ora chegava, ora afastava-se...

Mas quando a via despertada a meio,
Pra não zangá-la... sacudia alegre
Uma chuva de pétalas no seio...

Não é necessário grande esforço de fantasia interpretativa para aceitar que os galhos do jasmineiro que invadem a privacidade inocente da jovem adormecida sejam também projeção psicológica dos desejos do eu-lírico.

Também no conhecido poema “O adeus de Teresa” comparece a figuração de uma situação de intimidade física entre o poeta e a mulher amada. Na verdade, são quatro os adeuses der Teresa, embora o último se singularize por ser de despedida e por caber a ela a iniciativa. Nos três adeuses anteriores, Teresa se limitara a responder, timidamente, aliás, à decisão do poeta de ir-se embora. Do encontro inicial, quando a valsa “arrasta” os apaixonados, passando pelo segundo momento:

Uma noite... entreabriu-se um reposteiro...
E da alcova saía um cavalheiro
Inda beijando uma mulher sem véus...
Era eu... Era a pálida Teresa!
“Adeus” lhe disse conservando-a presa...

E ela entre beijos murmurou-me: “Adeus”

não fica nenhuma dúvida quanto à intensidade carnal da relação entre o poeta e Teresa. Assim é que para dar ideia satisfatória do arrebatamento que os tomara, o poeta emprega termos fortes, que dizem antes do encontro dos corpos que da elevação dos espíritos: “delírio”, “prazeres” “gozos”.

Passaram tempos... séc’los de delírio
Prazeres divinais... gozos do Empírio...

A vitalidade da lírica castro-alvina se manifesta também na fixação de quadros da natureza, especialmente nos poemas de A Cachoeira de Paulo Afonso, sempre alusivos à paisagem brasileira, livres, porém, do ufanismo oco presente em outros poetas românticos. Essas cenas captam tanto a realidade física, geográfica, quanto a social, pois nelas há sempre a presença de tipos regionais facilmente reconhecíveis: o tropeiro, o vaqueiro, o violeiro, a mulata, por exemplo, os quais se juntam aos elementos da flora e da fauna, num painel variado e grandioso. O poeta, por sua vez, não se limita a enumerar tais elementos. A cena é frequentemente captada em movimento, não só em relação aos elementos que a conformam, mas também no que diz respeito ao próprio poeta. Este se figura percorrendo os campos descritos, comumente a cavalo, e chega, inclusive, em determinado momento, a ser testemunha de uma tragédia tropical, como no caso do incêndio descrito no poema “A queimada”:

Meu nobre perdigueiro! vem comigo.
Vamos a sós, meu corajoso amigo,

Pelos ermos vagar!
Vamos lá dos gerais, que o vento açoita,
Das verdes campinas n'agreste moita
A perdiz levantar...

(. . .)

O incêndio — leão ruivo, ensanguentado.
A juba, a crina atira desgrenhado
Aos pampeiros dos céus!...
Travou-se o pugilato... e o cedro tomba...
Queimado..., retorcendo na hecatombe
Os braços para Deus.

Também neste aspecto Castro Alves discrepa de outros românticos brasileiros, já que sua postura frente à natureza, além de marcada por acentuado realismo, nada tem de contemplativa ou mística, e um exemplo disso é o poema “Crepúsculo sertanejo”, primorosa fixação de uma cena na qual não faltam os necessários dados à correta visualização do espaço nem a eficaz captação dos sons e ruídos que marcam a hora crepuscular. Em Castro Alves a visão é sempre interessada, servindo mesmo de prólogo à incitação revolucionária, como no poema “O vidente”:

Ouço o cantar dos astros no mar do firmamento;
No mar das matas virgens ouço o cantar do vento,
Aromas que s'elevam, raios de luz que descem,
Estrelas que despontam, gritos que se esvaecem,
Tudo me traz um canto de imensa poesia,

(. . .)

Mas. Ai! Longos gemidos de míseros cativos,
Tinidos de mil ferros, soluços convulsivos,
Vêm-me bradar nas sombras, como fatal vedeta:
'Que pensas, moço triste? Que sonhas tu, poeta?

E no caso da reflexão íntima, sem escapar de todo do estigma da morte próxima como horizonte existencial, deixa de ser passivamente mórbida para afirmar o apego à vida, às sensações. No poema “Mocidade e morte”, por exemplo, apesar da persistência de uma voz implacável que anuncia a iminência da morte: “Terás o sono sob a lájea fria.”, “Teu Panteon — a pedra mortuária!”, o poeta clama contra o deslinde prematuro de sua vida: “E eu morro, oh Deus! na aurora da existência,/ quando a sede e o desejo em nós palpita...” [sic]), seguro de estar sua vida destinada a amplos vãos (“Eu sinto em mim o borbulhar do gênio,/ Vejo além um futuro radiante”).

No poema “Quando eu morrer”, a rejeição da morte é completa. Ela não tem o valor compensatório de fazer cessar as “cores da vida”, o “doloroso afã”, como no poema “Lembrança de morrer”, de Álvares de Azevedo, nem o poeta formula o desejo de ser sepultado na “floresta dos homens esquecida”. Sua recusa é enfática, sem meios termos:

Quando eu morrer... não lancem meu cadáver
No fosso de um sombrio cemitério...
Odeio o mausoléu que espera o morto
Como o viajante desse hotel funéreo.

Sua lamentação é dirigida aos mortos, pelo que eles perdem deixando a vida:

Como deve custar ao pobre morto
Ver as plagas da vida além perdidas,
Sem ver o branco fumo de seus lares
Levantar-se por entre as avenidas!...

Se na poesia lírica, por sua natureza mais adequada às efusões sentimentais da autocomiseração, Castro Alves diverge da norma romântica da poesia brasileira, na poesia épico-social esse entusiasmo participativo se mostra naturalmente ampliado. Foi ele, sem dúvida, a expressão perfeita do condoreirismo na poesia romântica brasileira. Se se fez notável pelos poemas nos quais protestava contra a escravidão dos negros no Brasil, em especial nos poemas “O navio negreiro (Tragédia no mar)” e “Vozes d’África”, foi também apaixonado defensor de outras causas sociais, como a republicana, e se pode dizer que sua maior paixão foi, em essência, a causa mais genérica da liberdade do homem.

A circunstância histórica de sua época ter assistido ao debate dessas duas magnas questões, a escravidão e a república, explica seu declarado compromisso em favor do negro africano e do regime republicano. Mais ainda: se outros houvessem sido os problemas sociais, não haveria dúvida de que o poeta seria o porta-voz dos anelos de justiça social. O ímpeto de participação se originava não só de sua filiação à escola condoreira, mais era traço predominante de sua personalidade civil e literária. A fogsidade, a eloquência, imprescindíveis ao poeta-condor, imagem recorrente em sua poesia, também se podem observar em sua lírica, excluindo Castro Alves da linhagem do sentimentalismo doce e ingênuo, ou da morbidez atribuída ao “mal do século”, para situá-lo como o cultor de sensações vitais, renunciando neste aspecto aos parnasianos, mas sem a rigidez escultórica destes, já que nele tudo tende ao dinâmico, nunca ao estático.

O condoreirismo castro-alvino se patenteia pela linguagem altissonante e pelo tom de oralidade de poemas visivelmente compostos para a declamação retumbante. A eleição do assunto de interesse coletivo já seria, por si só, um convite à recepção socializada da poesia, e assim o poeta assumiria integralmente o papel de vate, de condutor da consciência social dos homens de seu tempo, convocando-os à reforma da sociedade. Para obter este efeito, Castor Alves não se constringe em exceder os limites da conveniência retórica, o que lhe valeria, por outro lado, a censura de alguns que vieram depois dele, para quem obviamente o caráter de denúncia dos poemas chegou atenuado pela

superação, com o tempo, da motivação histórica. As imagens, de preferência construídas com metáforas dilatadoras, comparações amplificadas, hipérbolés e/ou antíteses que ressaltavam os traços do objeto e/ou enfatizavam a violência dos contrastes, apresentavam os temas dominantes da grandiosidade e do dinamismo:

Deus! Oh Deus, onde estás que não respondes?
Em que mundo, em que estrela tu te escondes?
Embuçado nos céus?
Há dois mil anos te mandei meu grito,
Que embalde, desde então, corre o infinito...
Onde estás, senhor Deus?...

clama a África, em seguida, na abertura do poema “Vozes d’África”. A personificação da África já é, em si, imagem ousada, confrontando todo o continente africano (homens, animais, terras etc.) nada menos que ao Criador. Este, por sua vez, se situa na imensidão do “céu”, “embuçado”, como que a esconder-se do justo protesto daqueles que lançaram há muito tempo, há “dois mil anos”, o grito de revolta. A apóstrofe e a pontuação exuberante (também traço característico da poesia de Castro Alves, mesmo a lírica), além de expressarem a insólita situação de busca de diálogo com Deus, por vezes em tom de vigorosa contestação, por vezes suplicante e pungente, finalmente como fusão dessas distintas posturas: “Basta, Senhor!”, “Perdão p’ra os crimes meus!...”, “soluço um grito”, “Escuta o brado meu”, “Senhor, meu Deus!!...”), conduzem a leitura à oralidade declamatória.

Em “O navio negreiro” Castro Alves consegue um efeito notável entre a placidez de um cenário no qual o mar e o céu se confundem (“... do firmamento/ Os astros saltam como espumas de ouro.../ O mar em troca acende as ardentias/ — Constelações de líquido tesouro”, e no qual um barco, focalizado à distância e do alto, parece ser apenas um “Veleiro brigue [que] corre à flor dos mares/ Como roçam na vaga as andorinhas”, e o horror a seguir revelado. É assim que, de súbito, a visão privilegiada do poeta desce do “espaço imenso” e mostra o “sonho dantesco”, em imagens de dramática plasticidade. Nelas sobressaem o negro da pele dos escravos e o vermelho das lanternas e do sangue, como na imagem das “Magras crianças, cujas bocas pretas/ Rega o sangue das mães:”. Também os sons e os ruídos (“Tinir de ferros... estalar de açoites...”, “gritos, ais, maldições, preces [que] ressoam!”) compõem uma “orquestra irônica, estridente”, cujo pano de fundo é nada menos que o riso de “Satanás”.

O poema termina com uma peroração exaltada contra “a infâmia e a covardia” que constituía o uso da bandeira do Brasil, o “auriverde pendão” que “a brisa do Brasil beija e balança”, no alto do navio negreiro, degradado em “manto impuro de Bacante fria, e com a incitação a que personagens históricos se ergam da “etérea plaga” e findem o opróbrio: “Andrada” arranca esse pendão dos ares!:/ Colombo! Fecha a porta de teus mares!”.

Se é verdade que em “O navio negreiro” e em “Vozes d’África”, como afirma Fausto Cunha, o pensamento social, a cada instante, é soterrado pelo pensamento poético, “o fato pela metáfora, o real pelo idealizado”, de que pode ser exemplo a inócua convocação aos mortos (os heróis do Novo Mundo, em “O navio negreiro”, a “legião dos mortos”, em “A visão dos mortos”, entre muitos outros exemplos) para resolver os problemas dos vivos, ou a indignação frente à impudicícia com que a

bandeira brasileira tremula na gávea do navio negreiro, como se o fato social pudesse ser alterado se outra fosse a bandeira, não é menos verdadeiro que tal subjetivismo não desqualifica a legitimidade do impulso libertário do poeta.

Ocorre que o desejo de intervir na realidade social implica determinado grau de dependência dessa mesma realidade social, de modo que o substrato ideológico que movia o poeta era o da cultura branca, vigente na sociedade brasileira da segunda metade do século XIX. Prova disso é o acervo de referências culturais com que a África se dirige a Deus, datando, por exemplo, seu drama de “dois mil anos”, quer dizer, do tempo de vigência da era cristã, ou comparando-se a Prometeu, sem jamais recorrer a uma entidade cultural legitimamente africana. Além disso, Castro Alves era um poeta visceralmente romântico, como tal movido pela paixão, de modo que a comentada submissão do fato à metáfora seria inevitável, o que implica também que a figura do negro seja tão idealizada, em suas qualidades físicas e morais, como havia sido a do índio na poesia de Gonçalves Dias e no romance de José de Alencar.

Do ponto de vista da autenticidade ideológica, seria também impossível que Castro Alves se movesse por outro impulso que não o da piedade, não devendo ser considerada censura a observação de que o poeta “jamais ergue os escravos até sua altura, senão que desce até seus irmãos inferiores”, como diz Mário de Andrade, já que nenhuma outra atitude seria, na sua época, tão progressista quanto essa. Pode-se afirmar, ainda assim, que nenhum outro poeta, antes ou depois dele, logrou combinar, com tanta eficácia, o desejo de instrumentalizar sua poesia, colocando-a a serviço de uma causa social, e a necessidade estética de sobreviver à motivação imediata.

Tendo morrido com apenas 24 anos, tuberculoso, e tendo levado uma vida amorosa agitada, romântica, principalmente devido à presença da atriz Eugênia

Câmara, além da militância inflamada nas causas políticas de seu tempo, Castro Alves foi favorecido por uma aura de simpatia que perturbou a correta avaliação de sua obra poética. Sua grande popularidade se deve, sobretudo, aos poemas sobre a escravidão, daí o epíteto de “o poeta dos escravos”, mas a crítica de nossos dias se inclina a estimar igualmente seu lirismo viril, pela impregnação erótica já mencionada e pela brasilidade dos quadros da natureza.

Referências bibliográficas

ALVES, Castro. Obras completas. Org. Afrânio Peixoto. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1921. 2 tomos.

_____. Obra completa. Org. Eugênio Gomes. Rio de Janeiro: Aguiar, 1960.

ANDRADE, Mário de. Castro Alves. In: ---. Aspectos da literatura brasileira. 4. ed. São Paulo: Martins, 1972, p. 109-123.

AZEVEDO, Álvares de. Obras completas de Álvares de Azevedo. 5. ed. Organizada e anotada por Homero Pires. Primeiro Tomo. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1942.

CUNHA, Fausto. O Romantismo no Brasil: de Castro Alves a Sousândrade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971.

DIAS, Gonçalves. Poesia completa e prosa escolhida. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1959.

A ÁFRICA NA VISÃO DE CASTRO ALVES

Raquel Naveira

Passeio os olhos pelo mapa-múndi e fixo-me na África. Enorme continente. Aqui ao norte está o mar Mediterrâneo, separando-o da Europa; o estreito de Gibraltar e o Marrocos (lembrei-me do filme *Casablanca*); o canal de Suez na ponta do Mar Vermelho, aquele que se abriu para o povo hebreu; o oceano Índico banhando Moçambique, Tanganica e a Etiópia; o oceano Atlântico fazendo o contorno pela Mauritània; Congo, Angola e África do Sul; o deserto do Saara pintado de bege areia; a Líbia onde aportou o herói Eneias em seu encontro com a trágica rainha Dido; o rio Nilo com seu delta descendo do Egito, passando pelo Sudão.

Atravesso mentalmente florestas de árvores altíssimas, baobás e embondeiros. O perfume das acácias espalhado pelos ares. Elefantes, hipopótamos, rinocerontes e búfalos pelas savanas. Camelos penetrando no deserto com as bocas cheias de cactos. Girafas, zebras, gorilas, leões, leopardos, bandos de antílopes e hienas, serpentes venenosas.

Imagino tribos nativas, onde ainda hoje existem o regime de escravatura, as mutilações, a poligamia, a idolatria. Grupos com roupas de cores vivas, com desenhos complexos e coloridos. Selvagens com peças feitas de folhas secas de palmeiras e colares de ossos, marfins e conchas do mar.

África dos fuscos, dos cartagineses, dos fenícios, dos árabes, dos gregos e dos romanos. África partilhada em colônias e protetorados entre as grandes potências europeias como Bélgica, Espanha, França, Inglaterra, Itália e Portugal. Quão recente é a independência. As guerras civis. As faxinas étnicas. Os campos de refugiados. África complexa, misteriosa, mergulhada em sangue, carvão e diamante.

Pego o globo entre os dedos: foi daqui que saíram os primeiros negros escravos. A coroa portuguesa reservou para si a venda dos africanos. A descoberta da América incrementou ainda mais o tráfico, pois o novo continente abriu um campo vastíssimo para o braço escravo. No Brasil, o tráfico teve início em 1526, desenvolvendo-se graças à necessidade de mão-de-obra para a lavoura da cana-de-açúcar.

Com a exploração das minas de ouro, aumentou a procura de escravos africanos, sendo o país abastecido, sobretudo, através do verdadeiro entreposto humano instalado pelos holandeses na costa da Mina. Calcula-se que até 1850, tenham sido transportados da África doze milhões de escravos, dos quais um quarto para o Brasil. Grande foi o número de africanos mortos durante o transporte ou em consequência dos massacres a que eram submetidas populações inteiras. O transporte era feito em condições terríveis, sofrendo os escravos fome e sede nos chamados navios negreiros. No entanto, com as novas condições econômicas no mundo, declinava o regime de escravidão. Crescia o movimento abolicionista. Portugal decretou em 1836, após forte pressão inglesa, a extinção do tráfico negreiro. O movimento abolicionista sustentou uma luta prolongada contra o regime da escravidão. Em 13 de maio de 1888, a Princesa Isabel promulgou a Lei Áurea, que extinguiu a escravidão em todo o território brasileiro.

O poeta Antônio Frederico Castro Alves foi conhecido como o poeta dos escravos. Nasceu em 1847 na Fazenda Cabaceiras (Bahia) e faleceu em Salvador, em 1871, de tuberculose. O aclamado orador foi corajoso defensor dos princípios de liberdade e de justiça social. Lutou com versos

inflamados pelos escravos, revelando a miséria física e moral em que eram obrigados a viver. Seus versos continuam atuais, pois desfraldam a bandeira da liberdade.

No retiro da Rua do Lima, zona quase campestre de Recife, Castro Alves escreveu as poesias que formariam o livro *Os Escravos*. Surgiram poemas vibrantes em que descrevia a miséria do cativo e clamava pela abolição e pela vingança:

Cai, orvalho, de sangue do escravo,
Cai, orvalho, na face do algoz.
Cresce, cresce, seara vermelha,
Cresce, cresce, vingança feroz.

São os escravos que falam nestas estrofes de “Bandido Negro”:

Somos, nós, meu senhor, mas não tremas,
Nós quebramos as nossas algemas
P’ra pedir-te as esposas ou mães.
Este é o filho do ancião que mataste.
Este - irmão da mulher que manchaste...
Oh! Não tremas, senhor, são teus cães.

A 11 de agosto de 1865, aconteceu a abertura solene das aulas anuais. A sociedade pernambucana estava reunida no salão nobre da academia para ouvir os discursos das autoridades, quando ouviram a oratória inflamada de Castro Alves. Estrofe após estrofe, o corajoso poeta mostra as disparidades sociais e injustiças. As imagens são cada vez mais arrojadas, cresce a violência:

Trema o vale, o rochedo escarpado,
Trema o céu de trovões carregado,
Ao passar da rajada de heróis,
Que nas éguas fatais desgrenhadas
Vão brandindo essas brancas espadas,
Que se amolam nas campas de avós.

Apesar de seus problemas amorosos, pois marchava para o fim o seu romance conturbado, cheio de paixão e ciúmes, com a atriz portuguesa Eugênia Câmara, o poeta não abandonava a luta. A 11 de junho lançava o grito:

Deus! Ó Deus! Onde estás que não respondes?
Em que mundo, em que estrela tu t’ escondes?

Eram as *Vozes d’África*, que lamentavam, gemiam e bradavam a dor do cativo. E continuava a declamar seus protestos nos comícios republicanos. Nas reuniões sempre se ouviam as vozes de três líderes: Joaquim Nabuco, Rui Barbosa e Castro Alves.

No dia 7 de setembro de 1868, o poeta tinha uma poesia especial para a data. Estavam reunidas nas primeiras filas do Ginásio Literário as senhoras com suas filhas e os poderosos companheiros. Diante deles, cabeleira negra, flor na lapela, Castro Alves declamou *O Navio Negreiro*:

Auriverde pendão de minha terra,
Que a brisa do Brasil beija e balança,
Estandarte que a luz do sol encerra
E as promessas divinas da esperança...
Tu que, da liberdade após a guerra,
Foste hasteado dos heróis na lança,
Antes te houvessem roto na batalha,
Que servires a um povo de mortalha!...

Fatalidade atroz que a mente esmaga!
Extingue nesta hora o brigue imundo
O trilho que Colombo abriu nas vagas,
Como um íris no pélagos profundo!
Mas é infâmia demais!... Da etérea plaga
Levantai-vos, heróis do Novo Mundo!
Andrada! Arranca esse pendão dos ares!
Colombo! Fecha a porta dos teus mares!

Aplausos e vivas. Castro Alves foi carregado pelas ruas para a república dos baianos, onde passou a morar com Rui Barbosa.

Em *Sangue Africano* o poeta delira:

No peito arfando o coração sacode
O sangue que da raça não desmente,
Sangue queimado pelo sol da Líbia,
Que ora referve no equador ardente.

Outro poema que comoveu plateias foi o *A Mãe do Cativo*:

Ó mãe do cativo! Que fias à noite
As roupas do filho na choça de palha!
Melhor tu farias se ao pobre pequeno
Tecesses o pano da branca mortalha.

O Dia da Consciência Negra no Brasil é celebrado em 20 de novembro e dedicado à reflexão sobre a inserção do negro na sociedade brasileira. A data foi escolhida por coincidir com o dia da morte de Zumbi dos Palmares, em 1695. O quilombo dos Palmares localizava-se na serra da Barriga,

região hoje pertencente ao estado de Alagoas e resistiu por mais de um século, transformando-se em moderno símbolo da resistência do africano à escravatura.

Castro Alves escreveu o poema *Saudação a Palmares*:

Palmares! A ti meu grito!
A ti, barca de granito,
Que no soçobro infinito
Abriste a vela ao trovão,
E provocaste a rajada,
Solta a flâmula agitada,
Aos urrahs da marujada
Nas ondas da escravidão!

Castro Alves, poeta amado de minha adolescência, parece sempre que o vejo com seu paletó de casimira inglesa, seu chapéu gelô, a capa negra de vampiro, olhando-se de alto a baixo no espelho e dizendo:

- Tremei, pais de família! Don Juan vai sair.

Pensando em ti, num momento de romantismo, escrevi esta carta:

Antônio, não me leves a mal,
Hoje meu coração palpita sob a renda
/ do vestido,
Meus lábios tremem como rosa ao vento,
Minhas mãos não acompanham o
/ pensamento
Neste ir e vir de mergulhar a pena
/ no tinteiro.

Antônio, não me leves a mal;
Hoje, na missa, não pude ouvir as
/ palavras do vigário,
Várias vezes atirei o lenço de
/ cambraia ao chão
Para esconder minha perturbação ao
/ vê-lo no camarote,
Lindo como aquela imagem de
/ São Sebastião.

Antônio, não me leves a mal,
Hoje, pensando em Joãozinho, o negrinho
/ que te entrega esta carta,

Desejei que ele fosse dono de seu destino
E, no mercado de escravos, compadeci-me
/ de uma mulher negra,
Agarrada ao filhinho, já sem esperança.

Antônio, não me leves a mal,
Hoje, na praça, sob o sol,
Imaginei pessoas reunidas,
Elegendo seus governantes,
Expondo quadros,
Proferindo poemas.

Antônio, não me leves a mal,
Prendem-me neste quarto,
Junto ao baú de enxoval,
À roda de fiar,
À ânfora de lavanda suave.

Antônio, não me leves a mal,
Hoje sonhei com minha própria
/liberdade,
Vontade de beijar tua cabeleira negra
Como as asas de graúna,
Acalentar-te nos meus braços
Como se fosses uma criança tola.

Antônio, não me leves a mal,
Mas hoje, não posso ficar longe de ti.

Coloco de volta o globo entre os livros da estante e ouço a voz da África:

*Ainda hoje são, por fado adverso,
Meus filhos - alimária do universo,
Eu - pasto universal.*

CENTENÁRIO DE RAIMUNDO CORREIA

Augusto Sérgio Bastos

No dia 13 de setembro de 1911, em Paris, morria Raimundo Correia. Tinha 52 anos e acabara de publicar a 3.^a edição portuguesa do livro *Poesias*. O Brasil perdia um de seus grandes poetas, que, na opinião de Manuel Bandeira, “é o maior artista do verso que já tivemos”.

Sua vida e sua obra, o homem e o poeta, são exemplares.

A estreia literária foi com o livro *Primeiros Sonhos*, em 1879. Eram versos da adolescência, influenciados pelo romantismo, que, a rigor, desde a morte de Castro Alves, já entrara em franco declínio. Quase todos os grandes poetas românticos haviam morrido. Ele os admirava, espelhava-se neles, pois também começaram a produzir ainda muito jovens. O livro contém 45 poemas, escritos quando tinha entre 16 e 19 anos. Antes, já escrevera outros que nunca chegaram a ser publicados. Muitos anos depois, em entrevista a João do Rio, lembrou dessas tentativas poéticas, confessando que para ele “o fazer versos não passava então de uma brincadeira, de um meio cômodo e inofensivo de gracejar com os camaradas da mesma idade.” Assim nasceram os primeiros poemas.

Raimundo nasceu em 13 de maio de 1859, a bordo do vapor *São Luís*, em águas do município de Cururupu, no Maranhão. Seu nome completo: Raimundo de São Luís da Mota de Azevedo Correia Sobrinho. Mais tarde, o poeta suprimirá o São Luís, que lembrava o nascimento no navio, e também o Sobrinho, uma homenagem a um tio paterno.

Seus pais foram o juiz José da Mota de Azevedo Correia, advogado formado na Universidade de Coimbra, e Maria Clara Vieira da Silva, ambos maranhenses. O casal teve dez filhos; Raimundo foi o terceiro.

É pouco conhecida a primeira infância do nosso poeta, o “Mundico”. Sabe-se apenas que não era uma criança saudável: franzina, sempre quieta e um pouco alheia às brincadeiras infantis. O pai, de formação católica, educava os filhos de maneira severa.

Em 1871, a mãe faleceu. De todos os filhos, ele talvez tenha sido o que mais sofreu, e, por sua natureza débil, o que sempre merecera da mãe os maiores cuidados.

O estudante - No início do ano seguinte, a família estava em Cabo Frio: o pai fora nomeado juiz de direito da comarca. Raimundo, matriculado no segundo ano do externato do Colégio Pedro II, ficou residindo na capital.

Seis meses após a morte da mãe, ainda traumatizado, sofreu um novo golpe: José da Mota casou-se com Matilde Xavier de Sousa, amiga de sua primeira esposa. Ele não aprovou o casamento, decepcionando-se com a atitude do pai. Não gostava da madrasta, mas se deu muito bem com os três irmãos que nasceram dessa nova união.

Na companhia de outros estudantes, morou em diversas pensões. Nelas ficou conhecido por sua seriedade e pela ordem que impunha; econômico, vivia da curta mesada que o pai lhe mandava. Logo teve início a longa amizade com Silva Jardim, seu colega de pensão, no colégio e mais tarde na faculdade.

Em março de 1878, os dois jovens já estavam em São Paulo com o objetivo de ingressar na Faculdade de Direito. Foram morar juntos em modesto cômodo de uma velha pensão. A cidade onde residiriam pelos próximos 5 anos contava com cerca de 30.000 habitantes e já iniciara um processo de industrialização e modernização; havia dois teatros e um bom número de cafés, restaurantes, cervejarias, onde a mocidade se reunia para noitadas alegres.

Ávido leitor, sendo os livros e a poesia os divertimentos favoritos, levava consigo um caderno cheio de poemas escritos nos últimos anos. A maioria composta de um modo original: ia fazendo os versos sem escrevê-los, guardando-os na memória; mais tarde, o poema acabado, passava-o para o papel. Tinha tanta facilidade para versejar que muitas vezes escrevia as cartas em versos.

Os registros daquela época dão conta de que Raimundo Correia era calado, retraído, sorria muito pouco; nervosíssimo, irrequieto quando os companheiros conversavam, mas às vezes tomava a palavra e falava muito; tinha medo de tempestades, de doenças, detestava pegar em dinheiro. Supersticioso, principalmente em relação ao número 13, dia em que nasceu. Num dia 13 veio a falecer.

Era um homem de estatura mediana, rosto moreno-claro, pálido, de maçãs salientes, cabelos e bigodes pretos; olhos pretos, pequenos e vivíssimos. Vestia-se de maneira modesta. Era muito magro e seu único vício: o do cigarro. O médico Oswaldo Cruz, que ocupou a vaga de Raimundo na Academia Brasileira de Letras, informou no discurso de posse que o poeta, em certa ocasião, já doente, proibido pelos médicos de fumar, relutou: “Se deixo de fumar, deixo de cantar e não cantando sei que mais rápido morrerei”. E fumou pela vida toda.

Muito prestativo, gostava de preservar as amizades e tinha grande senso de humor. Não possuía inimigos; era querido com respeito por todos os colegas e já conhecido como exímio produtor de versos. Sempre fazendo economia, conseguiu juntar algum dinheiro para a impressão do seu primeiro livro, o sonho de todo poeta. Em meados de 1879, saía *Primeiros Sonhos*, com sugestiva dedicatória: “À memória saudosíssima de minha mãe / A meu pai.” Obteve razoável aceitação no meio acadêmico. Nele predomina o tema da paixão, os sonhos das donzelas, as virtudes femininas, a pureza e a castidade. O tom geral do volume é lacrimoso, a melancolia atravessa vários textos.

É visível o tributo que Raimundo Correia pagou à dicção dos poetas românticos, principalmente a Casimiro de Abreu. Mas os primeiros lampejos de uma expressão individualizada estão em vários poemas e o germe do parnasianismo se faz presente, como no soneto “A Ideia Nova”, o mais representativo da nova escola. O título já traduz o movimento que estava em curso, visando, entre outras coisas, a renovar a poesia, isto é, combater o romantismo. O apoio dos acadêmicos era quase total. Em paralelo, pregavam o anticlericalismo e cuidavam da revolução política, lutando pelos ideais republicanos, abolicionistas e positivistas. Raimundo rapidamente aderiu às novas ideias, adaptando-se ao espírito do tempo.

Em 1880, já no 3.º ano da faculdade, frequentava os cafés e cervejarias da moda, mas não tão amiúde; não se metia em farras, mas também não rejeitava uma boa companhia. Algumas vezes acompanhava os colegas pela madrugada, conversando e dizendo poemas que eventualmente eram publicados em jornais e revistas criados por eles mesmos. Nos três anos anteriores, mais de uma dezena de periódicos foram lançados e pouco duravam. Raimundo fundou com três colegas a *Revista Ciências e Letras*, mais um órgão literário da Faculdade de Direito feito com grande entusiasmo e com vida curta. A sua colaboração foi, como em outras oportunidades, basicamente com poemas.

No ano seguinte, colaborou n' *A Comédia*, onde publicou grande número de poemas humorísticos, e depois n' *O Entr'Ato*, com o pseudônimo Peff. Logo surgiu *O Boêmio*, sob direção do grande amigo Valentim Magalhães. Neste, além de colaborar com poemas, também ficou encarregado da seção de charadas, divertimento muito apreciado à época e que era uma de suas maiores distrações. Exímio criador de charadas tanto em prosa como em versos, publicou-as em jornais, revistas e almanaques. Um exemplo (observem que é uma quadra, em redondilha maior, rimada):

Deus não deixou de fazer – 1
Aquele rio famoso, – 2
Pra regozijo, prazer,
Desfrute, alegria e gozo.
(decifração: *Festejo*)

Durante todo o curso, o autor de *Primeiros Sonhos* pouco estudava, mas às vésperas das provas valia-se da memória prodigiosa. Passava as noites decorando textos de leis, citações em outras línguas, opiniões dos autores, de modo que na hora do exame deixava os professores impressionados com seus conhecimentos. Em 1882, o último ano, não foi diferente. Em fins de dezembro, o bacharel e poeta se despedia de São Paulo com destino ao Rio de Janeiro. Deixava a cidade como a ela chegara: pobre, mas com um diploma e um novo livro pronto para ser publicado.

Em janeiro de 1883, lançou *Sinfonias*, o de maior êxito de crítica e de público, tanto no Brasil como em Portugal. Trazia um elogioso prefácio de Machado de Assis, já então um crítico consagrado. O Cônego Francisco Maria Bueno de Sequeira, seu primeiro biógrafo, relata que até o Imperador, que também era poeta, quis conhecê-lo. Na ocasião, disse para Raimundo: “Já li o seu livro. Muito bem... Os seus versos são admiráveis”.

A coletânea foi dividida em duas partes. A primeira acolhia poesias líricas, feitas em São Paulo, nas quais a influência de poetas estrangeiros admirados por Raimundo se fazia presente. Ali se encontram os textos que lhe garantiram a popularidade: “As Pombas”, “Mal Secreto”, “O Anoitecer”, entre outros. A segunda parte reúne os temas pertinentes às “novas ideias”, suas poesias de luta, inclusive contra a Igreja e a escravidão.

É relevante o processo de repetição de palavras, muitas vezes versos inteiros. Mas isso não era um defeito, antes um efeito estético; a frequência com que fez uso desse recurso caracterizou seu estilo. As rimas de vogais abertas com vogais fechadas, consideradas “incorretas” por analistas mais rigorosos, compõem numerosos versos – aliás, um procedimento comum entre os parnasianos. Em *Sinfonias*, não faltaram o senso de humor e as notas alegres, que quase não aparecem no livro anterior, e também o aspecto sensual, em versos de um erotismo suave e contido. Chama atenção a variedade de assuntos abordados ao longo do volume: a amizade, o ódio, o amor, o ciúme, a hipocrisia, o tédio, a crueldade... Tudo o que aflige o ser humano ou, nos versos do próprio Raimundo, “tudo o que punge, tudo o que devora / o coração”. O poeta-filósofo, como foi nomeado por alguns críticos, está inteiro no soneto “Mal Secreto”:

Se a cólera que espuma, a dor que mora
N'alma, e destrói cada ilusão que nasce,

Tudo o que punge, tudo o que devora
O coração, no rosto se estampasse;

Se se pudesse, o espírito que chora,
Ver através da máscara da face,
Quanta gente, talvez, que inveja agora
Nos causa, então piedade nos causasse!

Quanta gente que ri, talvez, consigo
Guarda um atroz, recôndito inimigo,
Como invisível chaga cancerosa!

Quanta gente que ri, talvez existe,
Cuja ventura única consiste
Em parecer aos outros venturosa!

O magistrado - No final de junho de 1883, Raimundo encontrava-se em São João da Barra, no Rio de Janeiro. Fora nomeado para seu primeiro emprego: promotor público daquela comarca. Seguiria carreira semelhante a do pai. A vida na cidade litorânea era calma. Trabalhava, escrevia poemas e de vez em quando visitava a Capital. Após um ano e meio foi nomeado juiz municipal e de órfãos de Vassouras, na mesma província. Nessa ocasião, já estava noivo de Mariana de Abreu Sodré e resolveu se casar. Ele a conhecera na Corte, onde ela costumava passar temporadas acompanhada de familiares. A jovem descendia de Salvador Correia de Sá, era prima de Álvares de Azevedo e de Oswald Cruz. O casamento realizou-se em dezembro de 1884.

No mês seguinte, Raimundo foi a Vassouras, prestou juramento, mas não assumiu o cargo, licenciando-se para tratamento de saúde. O organismo, já de constituição frágil, estava debilitado por uma febre biliosa grave. Somente em abril, transferiu-se com a esposa e tomou posse. A cidade o recepcionou com muita reverência. O ambiente era favorável às atividades literárias. Conheceu diversos escritores e jornalistas, fez novos amigos, entre eles Lucindo Filho – poeta, prosador, humanista e músico –, proprietário e diretor d’*O Vassourense*, o mais importante jornal da cidade, do qual se tornou colaborador. Após sua morte, Raimundo publicou o único volume em prosa: um elogioso estudo biográfico e crítico intitulado *Lucindo Filho*, editado em Lisboa. No mesmo jornal, colaboraram, entre outros, Alberto de Oliveira e Olavo Bilac, que com Raimundo formaram a famosa “Trindade Parnasiana”.

No período que viveu em Vassouras, o casal teve três filhos: primeiro, Lavínia; depois, a grande tristeza, a morte, logo após o nascimento, do tão aguardado filho varão; e no último ano em que lá estiveram, chegou Stela. Lavínia foi mãe do diplomata Sérgio Corrêa da Costa, que também pertenceu à Academia Brasileira de Letras.

Raimundo Correia dividia seu tempo entre as atividades sociais e as atenções à dedicada esposa, D. Zinha – como era chamada na intimidade –, os trabalhos do foro, as colaborações para os diversos jornais da cidade e de outras localidades, e também a criação de poemas. Em seu terceiro li-

vro, *Versos e Versões*, incluiu numerosas “versões” de poetas como Théophile Gautier, Jean Richepin, Victor Hugo e Lope de Vega, entre outros. Lançou-o no Rio, em 1887. Com ele Raimundo passava a figurar entre os melhores parnasianos, se não o melhor. A temática e as características da poesia continuavam as mesmas de *Sinfonias*, mas o novo conjunto lhe era superior; a técnica mais aperfeiçoada no uso das repetições, da onomatopeia, da paronomásia e de belas imagens.

Apesar das boas lembranças, foi no período vivido em Vassouras que Raimundo Correia teve o maior desgosto de sua vida literária: na cidade do Rio de Janeiro, sofre a acusação de plágio feita pelo hoje esquecido poeta Luís Murat.

Homem sensível e de reconhecida retidão de caráter, incapaz de colocar, intencionalmente, a sua autoria em algo que não lhe pertencesse, viveu dias de grande amargura. Mas, à sua revelia, que já havia dito que não gostaria de tocar no assunto, formaram-se duas correntes que se digladiavam pelos jornais: os poucos que concordavam com Murat, e os defensores de Raimundo, em maior número. A pendenga continuou por algum tempo até cair no esquecimento.

Há muito, temos convicção que as artes, entre elas a poesia, são feitas de contaminações; os temas e as influências de outros artistas funcionam como fontes inspiradoras. Assim, um criador, do porte e do conhecimento do autor de *Versos e Versões*, sabe que, muitas vezes, são tênues as fronteiras entre uma obra original e o plágio, e sabe também como respeitá-las. Raimundo Correia sabia.

Novos caminhos - Em junho de 1889, foi nomeado secretário da presidência da província do Rio de Janeiro. O ambiente político estava agitado. A abolição da escravatura tinha-se dado recentemente e as ideias republicanas se alastravam. Em 15 de novembro, com a queda da Monarquia, a política mudou e Raimundo foi preso. Sendo, porém, notórias as suas convicções republicanas, foi solto e logo nomeado juiz de direito da comarca de São Gonçalo do Sapucaí, em Minas Gerais.

Nova residência, uma nova cidade, novas amizades. Raimundo rapidamente se integrou à vida da comunidade. Além do trabalho como juiz, dedicou-se a outras causas. Foi um batalhador pela melhoria da higiene e do saneamento rural, indo pessoalmente fazer o trabalho de campo, isto é, visitava as habitações mais humildes, dando conselhos e encaminhando providências. Também colaborou na reorganização do Gabinete de Leitura da cidade, incentivando os leitores, conseguindo reaver volumes emprestados e já considerados perdidos; uma sala de sua própria casa chegou a ser utilizada como sala de leitura da Biblioteca. Waldir Ribeiro do Val, em *Vida e Obra de Raimundo Correia*, desce a detalhes curiosos. Revela que o poeta gostava de se reunir com alguns amigos para um jogo de biscoito, e “em sua própria casa fabricava, para si e para esses amigos, uma cerveja, a que dava o nome de *Cata Funda*, nome da fonte de onde tirava a água para a fabricação.”

Novamente com problema de saúde – dessa vez uma doença nos olhos –, o poeta veio, em agosto de 1891, para o Rio de Janeiro, onde ficou três meses em tratamento, e aproveitou para lançar o quarto livro: *Aleluias*. O volume não traz novidade em relação ao anterior, ambos em alto nível de qualidade. O processo de construção dos poemas continuou o mesmo: onomatopeias, aliterações, rimas seguindo esquemas anteriores.

No ano seguinte, foi nomeado Diretor da Secretaria de Finanças do Estado de Minas Gerais, com sede em Ouro Preto, então capital do Estado. Deixou São Gonçalo com boas lembranças, a saudade dos amigos e levando nos braços a recém nascida Alexandrina. Em dezembro, foi convidado para fazer parte do corpo docente da recém instalada Faculdade Livre de Direito de Ouro Preto. As-

sumiu o cargo de lente substituto de diversas matérias e, mais tarde, foi eleito catedrático de Direito Criminal. Ainda na administração pública, ocupou o cargo de Diretor da Secretaria do Interior.

Mas Raimundo não se deu bem com o clima úmido e frio da capital mineira. A neurastenia e o nervosismo aumentaram, às vezes, impedindo-o de produzir. No início de 1895, morreu seu pai; mais um golpe para a frágil saúde do poeta. Logo depois, uma grande alegria, tornou-se pai novamente: nasceu Leão, um menino. Porém, após cinco meses, a criança veio a falecer; Raimundo ficou deprimido. E mais um golpe na sua saúde: contraiu o beribéri. Doente do corpo e da alma resolveu deixar definitivamente Ouro Preto. Voltou para o Rio de Janeiro em busca de tratamento e permaneceu na capital do país até seguir para a Europa, iniciando uma curta carreira diplomática.

Em 1897, após eleição para a Academia Brasileira de Letras, como membro fundador, segue para Lisboa: fora nomeado segundo-secretário da Legação Brasileira, em Portugal.

Ao chegar, procurou ajuda médica, pois a neurastenia e o beribéri fizeram grandes estragos no seu organismo. Como era do seu feitio, também de imediato começou a trabalhar.

Em dezembro, o cargo que ocupava foi suprimido por lei e ele, em consequência, exonerado. Decidiu permanecer na Europa até meados do ano seguinte, pois não havia terminado o tratamento de saúde. O clima ali lhe foi propício; livre do beribéri sentia-se muito melhor. Fez novas amizades e trouxe uma coleção de passagens curiosas ou engraçadas que relataria aos amigos no Brasil. Uma delas: como era do conhecimento de todos, as apresentações afligiam-no sempre, as familiaridades repentinas o incomodavam sobremaneira; sendo apresentado a um literato terrível, aturou-lhe uma enxurrada de elogios que o deixavam desesperado em sua timidez e não permitiam que se afastasse do inconveniente interlocutor. Como se não bastasse, eis que o homem remata as suas homenagens com esta suprema afirmação: “Eu sei até de cor um dos seus sonetos...” E recita-lhe inteiro e com toda pompa o poema “*Ora (dizeis) ouvir estrelas!*”, de Olavo Bilac.

Em Lisboa, foi publicada sua quinta coletânea: *Poesias*, em 1898. Compreendia um total de cem trabalhos, revisados e retocados criteriosamente, quase todos pertencentes aos livros anteriores, com exceção de *Primeiros Sonhos*. O livro teve mais duas edições em Portugal, novamente revistas e aumentadas pelo autor.

Na volta ao Rio de Janeiro, viveu dos parcos vencimentos de juiz em disponibilidade até o início do ano seguinte, quando foi nomeado vice-diretor do Ginásio Fluminense, em Petrópolis, capital do estado desde 1890. Ali, além de fazer parte da diretoria, acumulava a função de professor de História. Em 4 de agosto de 1902, a capital voltou a ser Niterói, o que motivou seu retorno.

A volta à magistratura - No ano seguinte, foi nomeado juiz da 2.^a Pretoria do Distrito Federal, em caráter vitalício. Voltava à magistratura, após afastamento de mais de 11 anos, e ao convívio com os velhos amigos. Alguns já haviam morrido: Silva Jardim fora tragado pelo vulcão Vesúvio; Raul Pompéia se matara com um tiro, depois de sofrer ataques à sua honra, que lhe desferira Luís Murat – o mesmo que impingira a acusação de plagiário a Raimundo; Valentim Magalhães falecera recentemente.

Em sequência foi juiz de direito da 2.^a e da 5.^a Vara Criminal e desta, em 1908, para a 3.^a Vara Cível. Neste cargo o poeta permanecerá até o fim da vida. Juiz reconhecido por todos pela honestidade de propósitos realizava seu trabalho com verdadeira devoção e justiça; com tolerância e muito amor.

Os seus últimos anos de vida foram de bastante sofrimento. Os ataques de uremia eram frequentes. Desiludido da vida, pessimista e melancólico, muito magro e pálido, embarca em maio de 1911 para a Europa, em busca de tratamento. Vai em companhia de D. Zinha e das três filhas.

Dr. Bensaúde, o médico de nome curioso que o atendeu, não deu esperanças à família. Diagnóstico duro, mas realista. Um homem bom que chegava ao fim da existência; um puro de coração com uma infinita piedade pela espécie humana. Múcio Leão chegou a dizer que não estava longe de aparentá-lo com São Francisco de Assis ou com Santo Antônio. Aluísio Azevedo e Afrânio Peixoto o chamavam de São Raimundo.

Em 13 de setembro, num ataque mais forte de uremia, falecia Raimundo Correia. Seu corpo foi enterrado no Cemitério Parisiense de Saint-Ouen. Em 1920, a Academia Brasileira de Letras fez o traslado dos restos mortais para o Brasil, sepultados no Cemitério de São Francisco Xavier, no Rio de Janeiro.

Muitas cidades, por todo o país, prestaram homenagens ao grande brasileiro, dando o nome do poeta a instituições oficiais e vias públicas. A Prefeitura do Distrito Federal, em 1917, deu seu nome a uma rua do bairro de Copacabana, e, em 1944, inaugurou no Passeio Público, no centro da cidade, o busto de Raimundo Correia. No bairro de Campo Grande, na Zona Oeste, funciona a Escola Municipal Raimundo Corrêa.

Bueno de Sequeira, em 1925, mas como se fosse hoje, escreveu:

“[...] Oxalá possuísse nossa pátria muitos homens desta craveira, homens que dignifiquem, homens que a exaltem, homens que, com o pensamento ilustrado e o caráter incorrupto, a tornem invejável, e que, com a vida honesta, a tornem amável; homens, enfim, que a não amem só com a boca, mas de coração, mas de fato [...]”

Para encerrarmos, eis o poema “As Pombas”.

Vai-se a primeira pomba despertada...
Vai-se outra mais... mais outra... enfim dezenas
De pombas vão-se dos pombais, apenas
Raia sanguínea e fresca a madrugada...

E à tarde, quando a rígida nortada
Sopra, aos pombais de novo elas, serenas,
Ruflando as asas, sacudindo as penas,
Voltam todas em bando e em revoada...

Também dos corações onde abotoam,
Os sonhos, um por um, céleres voam,
Como voam as pombas dos pombais;

No azul da adolescência as asas soltam,
Fogem... Mas aos pombais as pombas voltam,

E eles aos corações não voltam mais...

Ivan Junqueira

Ó DEÂMBULA ALMA INQUIETA

*Animula vagula, blandula,
Hospes comesque corporis (...)*

Publius Aelius Hadrianus

Ó deâmbula alma inquieta,
por que te moves às cegas
nesse ermo que se enovela
entre o que és e o que pareces?

Por que te pões tão secreta,
se debaixo de teus véus
todos logo te percebem
nos mil papéis que interpretas?

Por que temes, alma inquieta,
esse dia em que, perplexa,
souberes que não te hospedam
o paraíso ou o inferno?

Não te basta o que é terrestre
e se dá à flor da pele?
Por que buscas o mistério
no abismo que desconheces?

É por angústia que o anelas
ou só por gula das trevas
que, profundas, te apetezem
como as carcaças ao verme?

É pela luz que, feérica,
confias ver entre as vértebras
da solidão que te cerca
desde que ao mundo vieste?

Sê mais sábia, ó alma inquieta,

e concede que te levem
as águas em que navegas
sem bússola ou planisfério.

Sê mais sábia – e não espera
que te curem das mazelas
esses deuses a quem rezas
e que, surdos, te desprezam.

A NÓDOA

Não há nada que lave essa nódoa.
Alguns a lixam, outros a esfolam,
mas nem Deus nem o diabo a removem.

Está nas mãos, nos ossos, nos olhos,
na carne aflora, lúbrica e sórdida,
brota no espírito como um pólipó.

Gruda na pele e, cáustica, a empola,
sugando-lhe a foz de cada poro,
de cada músculo ou mínimo órgão.

Vive nas veias por onde corre,
errática, trôpega, tortuosa,
em busca de um gozo que a renove.

Ignora o que é culpa e toda sorte
de apelo que a tornem surda ao mórbido
papel que lhe toca: o do monólogo

que declama nos palcos, monótona
cantilena em cujas turvas notas
vibra apenas o eco de si própria.

Dali não se move, e nem a fórceps
a extirpam do útero onde mora
e cresce em meio à úmida gosma.

Essa nódoa é assim: nada a dissolve,
os ácidos jamais a corroem,
e não a limpam os santos óleos.

Ela dorme entre os homens e os dobra
ao seu fascínio, esse áspero tóxico
que os estropia até ao opróbrio.

É pérfida, falaz e astuciosa,
desdenha do perdão e do remorso
– e escarnece da misericórdia.

Marita Vinelli

POR QUE ESTÁS A CANTAR?...

O que esperas?
Está tão longe
Tua primavera!
Agora é o outono!
Nada mais.

Por que carregas
Dentro de ti
Tantos arrebatamentos
E tantos vendavais?
Por que ainda esperas
Amores abrasadores
E a fúria dos temporais?

Por que trazes na boca
O gosto do pecado,
Tantos versos, tantos ais?
Tantos gemidos tresloucados?
Tantos desejos sensuais?
Por que estás a cantar?

Cala-te, louca!
Esquece as cantigas!
Emudece!
Deixa o ardor
Para as raparigas
E esquece
Que ainda tens no peito
Uma fogueira a crepitar.

Pega a sacola de beijos,
Tua mala de versos,
Teu cesto de carinhos
E o teu bernal de desejos
E joga tudo no mar.
Deixa que as sereias nuas
Os venham buscar
E fiquem doidas na areia,
Prateadas de lua,

Febris a dançar.

Eu sei que é tempo de descanso.
Que é tempo de cadeira de balanço
À beira da lareira.
Que é tempo de bordar, rezar.
Viver de lembranças,
Rodeada de crianças.
E conta histórias
Da Gata Borralheira.

Mas, eu não quero viver assim
Serena e mansa.
Eu quero a surpresa.
Eu quero a esperança.
Eu quero o arrebatamento.

Eu quero a vida!
Eu quero o sol!
Eu quero o vento!
Eu quero o amor!
Quero meu corpo
Cheirando a flor!
Eu quero um mar turbulento!
Eu quero ser sempre assim!
A mesma doida!
E, mesmo depois de morta, Quero frêmitos e versos
A cantar dentro de mim...

Tanussi Cardoso

Do Carma

Para Tom, João Cesar e Luanda

Eu não venho de mim.
Venho de outro mim
gerado atrás
no vulcão encoberto
da memória.

O mim de hoje
só me pertence
enquanto ato,
enquanto fato.

E só será
verdadeiramente eu
quando iluminar
o mim passado.

Iluminação

Para Antonio Carlos Secchin

É o poema quem diz
o que o poeta não fala:
as reticências
os recantos
os confins.

É o poema quem diz,

não o poeta,
que, tantas vezes,

afirma
o que o poema desdiz.

Rastros

Para Daniel Senise

O que não tem Face
(agonia e êxtase)
queima os furores
eternos dos girassois
Fantasma fugidio
não se prende
ao infinito
não se explica
como poesia ou rio

O que não tem Face
(verbo e carne)
não se traduz
nos jornais
Imprecisa forma
nos impele ao sonho
ao medo
ao impossível

O que não tem Face
(passagem e falta)
não é nada
inexiste como vida
e nos faz mais
humanos
em suas fumaças
de desprezo
e engano

O que não tem Face
(presença e ausência)

não tem vestígios
ou marcas
É sombra
sem imagens
memória
e esquecimento

VOCÊ ACREDITA NUM MUNDO DE PAZ?

Helena Parente Cunha

Uma de minhas inquietações atuais também absorve estudiosos de várias áreas do conhecimento, além de preocupar e assustar os que se interessam pela paz mundial e o bem estar da sociedade: a violência.

É paradoxal que o avanço cultural, científico e tecnológico, ao invés de atuar sobretudo ou apenas em benefício da humanidade, contribui para incrementar a violência, haja vista os sofisticados recursos para a fabricação de armas com incalculável poder de destruição.

Já nos habituamos às manchetes chamativas que nos informam sobre assaltos, estupros de crianças, pais que atiram meninas pelas janelas, adolescentes explodindo bombas em salas de aula, grupos de extermínio eliminando homossexuais, negros, jovens e toda sorte de crimes hediondos.

Ficamos atônitos ante a afirmação de que a violência é inerente ao ser humano. Entre os suportes que alicerçam o pensamento de Freud, destaquemos a pulsão de vida e a pulsão de morte, Eros e Tânatos, integrantes do nosso aparelho psíquico. Como é sabido, a pulsão de vida, responsável pelo instinto de sobrevivência, é representada pelos laços afetivos e amorosos que estabelecemos com o mundo, com os indivíduos e também conosco. A pulsão de morte se manifesta pela agressividade, pela destruição, pela violência. Eros une e congrega, Tânatos separa, destrói.

Freud não se iludia quanto ao poder avassalador da pulsão de agressividade dos seres humanos. Durante os horrores do regime nazista de Hitler, na Segunda Guerra Mundial, as proporções da barbárie resultaram na carnificina do Holocausto. Por meio de recursos técnicos altamente avançados, foi cometido, nos campos de concentração, o genocídio de milhões de judeus e outros indivíduos pertencentes a grupos politicamente indesejados pelo nazismo.

Enquanto a ciência e a tecnologia hoje assinalam descobertas que vêm mudando a face do planeta, constatamos estarrecidos que os avanços do poder bélico podem desembocar na destruição da humanidade.

Todos nós acompanhamos apreensivos as notícias sobre o programa nuclear do Irã, uma vez que o país resiste às pressões internacionais para a inspeção de suas pesquisas voltadas para a energia atômica.

A história de nossa civilização, desde os primórdios de que temos notícia, é um suceder de guerras e lutas de conquistas do povo mais forte sobre o povo mais fraco, invasões de territórios, estratégias para torturar e escravizar o vencido, estupro de mulheres e crianças, impor a cultura, a língua, a religião e toda a parafernália do empreendimento colonizador.

A humanidade, ao longo dos séculos, vem enaltecendo a bravura dos conquistadores que se apossaram dos territórios invadidos, após batalhas sangrentas e toda sorte de abuso contra os derrotados. Com tal intensidade estamos imersos nesta nossa cultura erigida sobre as relações de poder e violência, que nem nos damos conta das aberrações a que nos submetemos. E quantas vezes celebramos exultantes as vitórias memoráveis dos comandantes, embora sempre esquecidos das chacinas cometidas.

São louvadas as artimanhas de Ulisses para driblar o cerco de Troia. Admira-se o destemor de Alexandre Magno, rei da Babilônia, por ter combatido para ampliar as fronteiras do seu reino. Exaltam-se os generais que, durante séculos, porfiaram para estender os domínios do portentoso Império Romano a quase todo o mundo ocidental conhecido e mantido, graças a táticas e decisões estratégicas que ainda hoje ensinam as artimanhas para ganhar a guerra.

A História registra as empreitadas bélicas do Imperador Carlos Magno empenhado em dizimar os pagãos muçulmanos resistentes ao batismo, assim como destaca o famosíssimo talento estrategista de Napoleão Bonaparte.

Os vencedores sempre ocuparam lugar privilegiado nas páginas da História. Todavia, como se sabe, a Nova História volta o olhar para os vencidos, os excluídos, os que não tiveram voz nem vez nem lugar no Panteão dos privilegiados.

Agora, eu pergunto a vocês: O que realmente significa a visita, pelo menos uma vez por ano, ao túmulo do soldado desconhecido? Entre coroas de flores, saudações de tiros de canhões, militares de todas as patentes perfilados, bandeira pátria tremulando ao vento, olhares consternados. O que dizer desse compungido cerimonial?

Nem podemos deixar de mencionar a habitual violência exercida na vida privada e familiar, nas empresas, nas escolas, nas delegacias, nos presídios, nos asilos, nos orfanatos, nas casas de prostituição, nas ruas, nos becos.

Se até agora, nesta fala, visei sobretudo os agentes da violência, cumpre trocar o foco para os que pensaram num mundo de paz, os que desejaram as mudanças em nome de ideais humanitários. A História registra a resistência dos detentores do poder e dos acomodados para aceitarem as mudanças referentes aos modelos políticos, sociais, religiosos impostos pelas conveniências ideológicas. Basta lembrar as fogueiras da Inquisição, sempre acesas para incendiar os que ousassem se afastar uma palavra que fosse dos dogmas inquestionáveis, intocáveis. Nem podemos calar a indignação ante a sanha com que foram exterminados milhões de nossos índios e milhões de representantes da cultura inca e azteca.

E eu pergunto a vocês: O que dizer do sumário pedido de perdão, formulado pelo papa, por conta do assassinato de grande parte do nosso povo indígena, perpetrado pelos invasores que se consideravam soldados de Cristo?

Todos nós sabemos o destino dos que desafiam o engessamento dos padrões e apregoam novos rumos para um novo estar no mundo.

Lincoln aboliu a escravidão em 1863 e foi baleado, após haver prometido direito de voto aos negros.

Tiradentes sofreu o enforcamento em 1792 por haver sonhado, junto aos companheiros inconfidentes, com a libertação dos abusos do colonizador.

Gandhi, principal personalidade da independência da Índia, pregou a não violência como forma de luta, mas seus propósitos pacifistas não foram compreendidos e ele foi assassinado em 1948.

Martin Luther King, líder do movimento em defesa dos direitos dos negros nos Estados Unidos, fez a campanha da não violência e do amor ao próximo, tendo recebido o Prêmio Nobel da Paz. Foi assassinado em 1968.

Nelson Mandela, também lutou contra a discriminação racial e ainda contra a ditadura na África do Sul, o que lhe custou vinte e sete anos de prisão. Recebeu o Prêmio Nobel da Paz, em 1993.

Chico Mendes, nascido em Xapuri, seringueiro, sindicalista, empenhou-se na defesa do meio ambiente e na preservação das florestas. Várias vezes ameaçado de morte, foi assassinado em 1988.

Nesta relação incompleta dos verdadeiros heróis que deram a vida pelo sonho de um mundo melhor, não foram incluídos os que, em oposição à ditadura militar no Brasil, sofreram prisão, torturas, exílio, morte.

Mas não posso deixar de celebrar Aquele que morreu crucificado pela incompreensão dos que rejeitaram sua pregação pacifista, sua proposta revolucionária, em defesa dos excluídos. O nome de Jesus Cristo nos atualiza com sua lição de amor incondicional e solidariedade.

Mencionei apenas alguns transgressores do *establishment*, mas ao longo do tempo, muitas indesejadas vozes anônimas foram obrigadas a se calar para não apontar que o rei estava nu.

E agora, depois destas minhas considerações tão desanimadoras, retomo a minha pergunta inicial: você acredita num mundo de paz? Vocês podem me encostar na parede, devolvendo-me a pergunta. Antes de responder, eu afirmo que acredito nas aceleradas mudanças políticas, econômicas, sociais que estão modificando a cara do planeta.

Nós, habitantes desta hora, temos o privilégio de testemunhar extraordinárias transformações políticas, econômicas, sociais com uma rapidez jamais encontrada em nossa História, como a ascensão de mulheres a postos de comando, antes ocupados apenas por homens, a exemplo das presidentes no Brasil, na Argentina, no Chile. Considerando também Barack Obama, o presidente negro do país que ainda não superou o racismo. E ainda, o presidente operário, Lula, que deixou o poder com excepcional índice de aprovação popular, após oito anos de governo, sem contar com o inesperado prestígio no exterior, apesar das críticas recebidas pela sua famosa incompatibilidade com a gramática.

Muitas pessoas ainda não tomaram conhecimento de que o nosso Ministério do Trabalho e Emprego dispõe, já há algumas décadas, de uma Secretaria Nacional de Economia Solidária que, entre outros objetivos, analisa e apóia projetos de recuperação de empresas por trabalhadores organizados em autogestão, ao contrário dos parâmetros autoritários das empresas tradicionais, obcecadas pelo lucro, ignorando a situação do trabalhador.

A economia solidária, que já vem sendo utilizada em escala crescente, no Brasil e no mundo, segue uma prática de desenvolvimento sustentável, que protege os ecossistemas e reverte a violência da lógica capitalista e seus conhecidos objetivos alheios aos valores humanitários.

A economia solidária se opõe à exploração do trabalhador e dos recursos naturais, considerando o ser humano a partir da sua integração como sujeito e finalidade da atividade econômica.

Aumenta o número de empresas falidas e recuperadas após sérios problemas financeiros e que se tornaram propriedade dos trabalhadores que as dirigem coletivamente, através de esquema cooperativo e/ou em regime de autogestão.

Essas mudanças na organização do trabalho alteram as relações de poder, influenciam os parâmetros da realidade, exigem revisão nas filosofias da administração.

As grandes empresas até então dirigidas sob as rédeas do modelo capitalista, já começaram a rever e aperfeiçoar seus princípios, em função da nova realidade em processo de acelerada mudança. Atualmente, muitas empresas de grande ou de menor porte, têm sido levadas a adotar a *responsabilidade social* que beneficia os empregados, por meio da proteção da saúde, análise de risco, segurança, integridade física, além de ações beneméritas junto às comunidades locais e de outros endereços. Hoje, muitas empresas exigem de seus fornecedores atitudes comprovadas de responsabilidade social.

Esta nova percepção do mundo, esta nova compreensão do ser humano, da natureza e da sociedade se inserem na visão holística da realidade, na qual, as partes de um sistema se inter-relacionam entre si e com o todo. Segundo a visão holística, o ser humano é um ser indivisível que não pode ser entendido, se suas diferentes partes forem analisadas separadamente. Trata-se de uma nova visão de mundo que aponta para a unicidade do ser humano consigo mesmo e com tudo que o cerca, em contínua interação.

Urge a superação do paradigma aliado da razão instrumental que recorre à visão compartimentada e fechada em si mesma, originada do cartesianismo e que fragmentou a realidade e o sujeito.

Já se configura o desenho cada vez mais nítido da nova consciência do estado de inter-relação e interdependência essencial de todos os fenômenos, quer sejam físicos ou biológicos, quer se apresentem do ponto de vista psicológico, social ou cultural e que já se expandem nas empresas, em instituições e situações em diversos âmbitos.

Não creio que seja forçar a barra pensar nos pontos de contato desta visão com os poderes agregadores, coesivos de Eros que Freud coloca em pé de igualdade na disputa com as forças tanáticas.

Neste tempo de vertiginosas mudanças que caracterizam nossa pós-modernidade, podemos apostar na urgentíssima ruptura com o modelo calcado nas relações de poder e na hierarquia discriminadora que será substituído pelo paradigma resultante das novas formas de pensamento, onde haverá lugar para a integração, a solidariedade, a ajuda mútua.

Sem me referir aos inúmeros movimentos pela paz mundial, nem pela emergência cada vez mais presente da ação ecológica, penso na crescente consciência para a urgente mudança de valores do nosso estar no mundo. Direta ou indiretamente, o novo paradigma já permeia os anseios de todos nós.

Parafrazeando Leonardo Boff (*Ethos mundial: um consenso mínimo entre os humanos*), eu acredito que está emergindo uma nova forma de dialogação entre as pessoas, devido à crise atual. Jovens de países do Oriente Médio, vão para as praças públicas com intenção de enfrentar pacificamente os defensores oficiais do regime agonizante. Ditadores que durante décadas governaram o povo com mão de ferro são obrigados a renunciar. A resistência de Muamar Kadafi na Líbia, nada mais é que a desesperada tentativa da sobrevivência de um poder que se debate nos seus últimos estertores.

Os terremotos, tsunamis, erupções vulcânicas, enchentes, deslizamentos e toda sorte de catástrofes que assolaram o planeta, nestes últimos anos, estão levando ao desenvolvimento de uma nova sensibilização entre homens e mulheres, como que forçados a adotar novos comportamentos, novos valores, novo olhar para o planeta e sua humanidade.

Para terminar esta fala, vou ler fragmentos de um texto que recebi por internet no dia 13 de fevereiro, escrita por Sebastião Guerra, sobrevivente da tragédia da região serrana:

[...] “Nos últimos dias, algumas pessoas e a mídia em geral têm usado, em nome do desejo de criar uma onda positiva, otimista, uma frase que me dói: "Estamos finalmente voltando ao normal". Como assim, voltando ao normal? Se o normal é como era antes, não posso aceitar que volte-mos a ele. O normal de antes, era feito de muitos interesses separados; seja por grupos sociais e econômicos; seja por grupos de famílias; seja por religiões ou entre pessoas 'do bem e do mal'. O normal de antes era civilmente muito solitário, era feito de conselhos municipais esvaziados, envelhecidos antes de florescerem; era feito de instituições sociais importantes e maduras, atuando ingenuamente em nossa sociedade. O normal de antes tinha muito pouco tempo para solidariedade, para servir ao outro acima de tudo. [...]

Nestes dias, no meio da lama fedida, buscando corpos, lavando corpos, enterrando corpos de pessoas amadas, pude aprender sobre o amor. Amor como cuidado; amor como honra ao que vive no outro, seja isto fato presente ou memória. A crueza inesperada das situações que vivemos não poderá ser expressa por palavras jamais, está muito além delas. O sentimento do que vivemos está buscando seus caminhos de expressão. Fiquemos atentos! Agora é tempo de contar histórias sobre o amor que descobrimos...[...]”

Agora eu posso responder: sim, eu acredito num mundo de paz.

OBSESSÕES DE UM FICIONISTA

Per Johns

Que dizer de seus próprios livros?

Que são bons? Que são ruins? Que nasceram aos trancos e barrancos de uma compulsão irresistível, vinda não se sabe de onde, nem por quê?

Em verdade, por que se escreve?

Não é preciso ser tão sucinto como o foi Samuel Beckett ao responder à pergunta. Disse apenas: *Não me resta mais nada.*

Entretanto, ele quase acerta. Há milhões de coisas melhores de se fazer do que escrever. E, sobretudo, mais rentáveis.

Ocorre-me ler. Se não é mais rentável, seguramente é mais agradável. Lendo, erra-se menos. E não se tem de dar explicações, muito menos suportar críticas desfavoráveis. Mas se todo mundo apenas lesse não existiriam livros para ler.

Melhor ainda, todavia, é não fazer nada, absolutamente nada, apenas ver a vida que passa com um olhar atento, embora não seja tão fácil como aparenta ser. É um talento com o qual se nasce. Não se aprende na escola. Tem gente que não sabe ver, ou, por outra, olha, mas não vê. Em todo caso não é automático, sobretudo se o ato de ver se fizer acompanhar adicionalmente do que se pode cha-

mar de *empatia*, ou seja, da capacidade de se pôr na pele do que é visto, sentindo junto, em uníssono, não separadamente.

Para dar uma ideia do que quero dizer com isso, lerei um trecho de meu último romance, “Hotéis à beira da noite”. Trata-se de uma viagem fantasmagórica empreendida por um personagem que, por assim dizer, despe-se de quem foi e inicia o que Ivan Junqueira descreve como “uma lenta e tortuosa peregrinação aos confins da ancestralidade de si mesmo”.

A certa altura de sua viagem escreve uma carta a seu “lado anterior”, em que diz, entre outras coisas:

*“Poucos tiveram o interesse ou a competência de adivinhar o que se escondia atrás do que eu mostrava. Eu mesmo sabia-o mal até a véspera do dia em que deixei o Rio de Janeiro, quando ouvi do habitante das profundezas (minha voz interior) palavras esclarecedoras sobre o significado da **ociosidade** e da **disponibilidade**, até então apenas **conceitos** um tanto nebulosos, mais desejados do que propriamente compreendidos. Não é algo que se conquista — disse o habitante das profundezas — e sim algo que se reencontra atrás de muito lixo e entulho, um estado de espírito que se perdeu nos confins da infância, uma plenitude que se foi esvaziando ao longo do tempo. E serve, aliás, **não** serve para nada a não ser desenhar na alma o que um artista pintou em arabescos coloridos de formas nascentes com as letras das palavras: **FACCIO NULLA**, que justamente não significam não fazer nada, antes pelo contrário, significam fazer o que mais importa, vale dizer, **ver, ouvir, palpar, degustar e cheirar** o mundo, para compreendê-lo por dentro em vez de explicá-lo por fora. A única forma acabada na mencionada pintura é um cão perdigueiro com todos os sentidos alertas farejando a pele das palavras que se formam ainda indefinidas à procura da eclosão que fará surgir delas as coisas. É o que nós deveríamos fazer com tudo que vive, para que sua vida se duplique na consciência não com vistas a sua utilidade e sim à solidariedade que nos une. Em suma, serve não para anular os sentidos na ânsia mental de mantê-los do lado de fora do entendimento, mas pô-los para **dentro** com as potencialidades que lhes são próprias. Uma atitude **quente**, parcial, sujeita aos maiores riscos, em vez da atitude **fria**, imparcial, de quem não participa por medo do envolvimento.”*

Portanto, a mim me parece, que escrever é antes de tudo uma estranha obsessão, obsessão de ver, mas trata-se, no caso, de ver por dentro e não por fora.

Em muitos casos, trata-se de chegar ao resumo de quem se é. Ao cerne do *ser*, não do *ente*, da pessoa nua e crua, não da máscara que a esconde. Como se vê, uma ambição que não é pequena, sendo incerta e sujeita aos temporais da vida.

Uns poucos acertam; a maioria erra.

Uns são lembrados por um livro, outros por um capítulo e até alguns por uma simples palavra. Parece pouco, mas não é.

Certas filosofias ocidentais explicam tudo, explicam tanto sobre o que não sabemos e, quiçá, não podemos saber, a ponto de se tornarem, paradoxalmente, incompreendidas. Bom seria se fossem capazes daquilo que no Oriente se chama de *iluminação*. Nesse caso, talvez até pudessem ser compreendidas e, sobretudo, não se limitariam a ser propriedade exclusiva de letrados ou do *petit comité* dos iniciados.

Ocorre-me, a propósito, uma frase iluminada do criador da *fenomenologia*, Edmond Husserl, que diz: “É preciso deixar que as coisas aflorem na palavra”. É uma frase que dói de tão sucinta, mas

que talvez ilumine melhor a fenomenologia que todo seu aparato teórico. Só tem um defeito: pode ser compreendida por qualquer um.

Para isso há, entretanto, uma pré-condição nada fácil como vimos a de saber ver sem óculos intermediários, a de saber ver as coisas, não só como mecanismos que funcionam e se explicam, aparatos frios e impessoais, mas como algo a ser abraçado, vale dizer, compreendido em toda a extensão da palavra, não apenas na cabeça, também no coração.

A criança sabe disso inconscientemente. Depois, esquece o que sabia, instintivamente.

Talvez tenha sido por isso que o poeta Wordsworth tenha escrito, num verso iluminado, que “a criança é o pai do homem”. Curiosamente, seu nome, *Words-worth*, significa ou pode significar “digno das palavras que diz”. Assim como em português há o ditado “vale quanto pesa”, com um pouquinho de imaginação, poder-se-ia dizer de Wordsworth, que vale pelas palavras que transformou em poesia.

Se eu tivesse de resumir por que escrevo, no pressuposto de que alguém se interessaria por isso, diria que é para tentar recapturar a potencialidade da palavra, aquilo que foi perdido nos rincões da infância, eventualmente recapturado em breves lampejos poéticos.

Observe-se que *poético* é empregado aqui no sentido mais amplo da palavra, capaz de abranger tanto, por exemplo, a poesia *strictu sensu* de Manuel Bandeira como a prosa fluvial de Guimarães Rosa, num sentido fundo, profundo, arqueológico até, algo próximo do que disse William Carlos Williams em outros versos iluminados, aproximadamente, em tradução livre:

“Este pardal que vinha sentar-se à minha janela era uma verdade mais poética do que natural”.

Convida o olhar a ver suas próprias funduras e a reparar no que normalmente passa despercebido e atende pelo nome de *acaso*.

Meu último livro mencionado, *Hotéis à beira da noite*, tem em sua parte final, intitulada *Pequenas prosas de um breviário*, o que entendo por lampejo poético, embora essas pequenas prosas tenham o pequeno ou grande inconveniente de terem que ser pescadas no mar revolto de uma prosa rascante. Lerei três dessas pequenas prosas, *O motim*, *Credo da inquietude* e *Réplica de Deus*, que, parece-me, resumem bastante bem o que tem sido minha obsessão de escritor.

O motim

O comandante exige:

- *Quero a equação do azul. A engrenagem do canto. A respiração dos cetáceos. O vôo do besouro. A aritmética do carinho e a geometria do amor.*

É demais para os brancos marinheiros, que se amotinam contra o despótico comandante e rumam na direção oposta. Retornam ao ponto onde tudo começou, anterior à divisão entre sábios (e ricos) e brancos (e pobres). Desembarcam numa ilha, ainda não cartografada, com sua leva de mulheres paradisíacas, raptadas de outra ilha saqueada. Queimam o veleiro, as especiarias e a carga milenar. Descarregam as consciências quando sobem as íngremes trilhas, fora do alcance de qualquer esquadra. Prometem-se fidelidade eterna, esquecidos os ressentimentos. Serão a grande

família que lhes foi negada pela Revolução Industrial, por Torquemada, pelos jacobinos, por Galileo Galilei e pela Companhia das Índias Ocidentais

Assim seria, mas não foi. Ao queimar o barco que os trouxe, os amotinados se esqueceram de que levavam dentro deles, eles mesmos. E eles mesmos eram irredutíveis ao que se propunham. Insensivelmente voltaram a dividir por fora, com cercas de arame farpado, o sustento e a respiração. E a dividir-se, por dentro, em feudos e arengas. Voltaram a ser o que sempre foram.

Credo da inquietude

(Christian's cave em Pitcairn)

*Se eu chegasse um dia à Terra Prometida, que faria depois?
Se lesse, relesse, treslesse todos os livros, leria o quê? Se erguesse minha casa e dissesse: — Satisfaz! , com que haveria de me distrair?*

Se fosse suficiente erguer o braço para obter o que preciso, o que faria com o tempo que sobrasse?

Se me sentisse irmão de meus iguais e desiguais, onde acharia meu inimigo?

Se o que buscasse estivesse onde estou, onde procuraria o que não sou?

Se o mundo estivesse pronto, irremediavelmente bem feito, que estímulo haveria para inventar, modificar, melhorar? E o que é pior (ou melhor para tartarugas e morcegos): o que seria de meu engenho?

Que Deus me perdoe, mas a vida perderia a graça, deixando-me uma única alternativa:

Desistir de viver.

A resposta de Deus

*Contumaz criatura. Por todos os meios tentei salvá-la de suas próprias artimanhas. Dei-lhe um olhar luminoso e a faculdade de perceber-se e perceber o mundo. Ao mesmo tempo em que vive, paira sobre a vida. Excedi-me talvez ao conceder-lhe também o arbítrio de escolher entre ser espelho de meu **Opus** perfeito ou motor de um mundo pior.*

Aparentemente, foi demais. Desnorteada, a criatura preferiu encerrar-se ensimesmada na construção de uma obra exclusivamente humana, de onde expulsou o resto da criação. E em que consiste essa obra? Em inventar labirintos escuros e imitar-me, mas suas criações não passam de caricaturas.

Várias vezes submergiu em cataclismas auto-inflingidos. Mas reincide. E sempre recomeça arrogante e dominadora. O resultado é o que aí está: desarranjos letais, desarmonias sem remédio, gritos plangentes e queixas lancinantes que surgem de todos os quadrantes do orbe. E agora, também dos espaços siderais.

*A cada vez que ela tenta consertar-se já é tarde demais.
O fim se conduz a si mesmo. Não interfiro. Mas até quando?*

Meus assessores sugerem que eu faça a criatura reverter à pura condição de animal sem consciência, com uma bússola instalada no coração em vez desse desastroso arbítrio na cabeça. Mas eu teria de inventar um novo espelho, a não ser que me conformasse, em definitivo, com a condição de artista anônimo.

Nesse caso, ninguém usufruiria de minha obra-prima.

Depoimento lido no “Encontro com o Escritor”, quando Per Johns foi homenageado no PEN Clube do Brasil em 9 de maio de 2011.

URDIDURAS DA COR NOS DESENHOS DE CÉSAR ROMERO *

Mirian de Carvalho

A entrelaçar matizes, César Romero realiza, em seus desenhos, *bordados e rendas* de delicado colorido. Imaginada, a cor aflora transformando-se em linha, agulha, bastidor, ponto, nó. Animiada, a cor atua como se fosse bilro, laçada, trespassando cheios e vazios. Revelando-se tecido ou entremeio, o papel se torna campo lavrado. Para desenhar sobre papel, além de canetas, lápis grafite, lápis de cor aquarelável e tinta de desenho, César Romero utilizou também materiais comuns à pintura. Utilizou acrílica e pincel. E pintou parte do papel para realizar intervenções lineares. No universo artístico contemporâneo não há divisão rígida quanto às várias possibilidades plásticas e expressivas. Hoje, no campo das artes, mais que em qualquer outra época, quando procuramos generalidades, surgem diferenças negadoras dos conceitos e categorias. Lápis? Pincel? Bidimensional? Tridimensional? Não é isso que marca a diferença entre pintura e desenho. Sem constituir teoria, digamos que o desenho se caracteriza por linearidade marcando uma superfície. Essa linearidade pode ganhar expansões e sentidos, ao abarcar direções diversas. Em certos casos, a expansão preenche lugares por

* Mostra de desenhos realizada em São Paulo, de 10 de junho a 16 de julho de 2011: Lugar Pantemporâneo: Av. Nove de Julho 3653, Jardim Paulista.

meio de traços contíguos que sugerem áreas chapadas. E os traços podem deslizar sobre manchas aquareladas ou sobre áreas pintadas, sensibilizando o papel através do colorido.

Desfiando *linhas*, entremeando bordados cromáticos, César Romero mantém liames entre os vários desenhos reunidos numa renda. Eles se reúnem num desenho maior, não finalizado, porque tais liames alcançam múltiplos sentidos que ultrapassam os limites das pranchas. O alvo campo de papel anima-se. Em suas fibras entranham-se fios de cores, lavrando delicados caules, que delineiam, expandem e interceptam traços, desvelando variações tonais do prisma solar. César desenha com luzes. Ele transforma a matéria em luz colorida. E a luz se irradia. E ilumina a terra natal. Das cores fortes às nuances sutis, linhas coloridas abrem caminhos. Em percurso, indo de um desenho a outro, as *hastes* encurvam-se entre movimentos, ora mais vibrantes ora mais sutis, a inaugurar lugares fechados e abertos aos entremeios de crivos e lianas. Do fechamento à abertura, e vice-versa, emergem cores. A luz surge florindo. A cor germina. Entre caules e sementes, delinea-se incontida floração:

Flores luminosas, onde nascem vossos caules?

Clarões de renda, onde germinareis vossas sementes?

Assim como nas outras artes praticadas por César, seus desenhos revelam essencial fonte-matriz. Revisitando o Nordeste interiorano, César reinicia leitura erudita da *arte do povo*. Aqui, em detrimento do termo “artesanato”, a expressão “arte do povo” ratifica ideias de Mário Pedrosa e Mirko Lauer. Para ambos, a denominação “artesanato” se deve exclusivamente a preconceitos e imposições do mercado. Do ponto de vista estético, os referidos autores não estabelecem tal separação. Festejando uma das nossas identidades regionais, a arte de César Romero entrelaça à urbe a bandeira do agreste. Seus desenhos rememoram bordados, rendas e panos tecidos pelo povo nordestino. Bordados cheios e vazados. Rendas de bilro. Rendas de agulha. Rendas de bico. O aglutinado do fuxico mesclando diferentes florinhas de tecido. Pouco conhecidas fora do Nordeste, muitas dessas peças constituem parte do acervo particular e afetivo reunido por César, que as registra também por meio da fotografia. Para que se tenha ideia da pesquisa e do memorial que se associam à arte de César Romero, citemos em sua coleção peças da tradicional renda irlandesa, *rendeada* em Divina Pastora, Sergipe, que, por suas dezenas de pontos variados, tornou-se Patrimônio Cultural da Humanidade.

Na arte do povo revivida na arte de César, recriam-se peças diversas. Panos de mesa e de copa, toalhas e outros bordados, urdindo imaginários lugares da casa. Lençóis, colchas, redes, roupas, urdindo lugares desejados pelo corpo. Ao seu modo, através das peculiaridades geográficas regionais transformadas por registros oníricos, o povo borda, costura, tece e reinventa o mito das Parcas. No imemorial da fonte nascente, César reinicia a tessitura da vida. Expondo veios, texturas e transparências, nestes desenhos o papel não se reduz a mero suporte. Cumprindo desígnios da poesia, o papel transforma-se em campo lavrado de flores à metamorfose da matéria urdindo cores. Urdindo luzes. E vazados.

O ESCRITOR, O LEITOR E A CRIAÇÃO

Carmen Moreno (*)

Boa noite aos escritores e a todos os amigos presentes, que trouxeram seu afeto, e compartilham da minha alegria, neste momento singular da minha história literária, quando tenho a honra de fazer parte do PEN Clube do Brasil, instituição que completa 75 anos de dedicação à literatura, aos escritores e à liberdade de expressão.

Acredito que a literatura tem o poder de transformar escritor e leitor. A literatura atende, antes de mais nada, ao seu criador. Surge de uma necessidade oculta, inominável, de uma urgência de se revelar ou traduzir alguma inquietude, percepção ou ideia que, muitas vezes, se apresenta como prioridade absoluta, da qual ele próprio ainda não conhece a origem, o destino, nem o rosto. E que, no entanto, o faz render-se ao oculto, como um crédulo ao seu deus. Portanto, escrever um poema ou um texto em prosa é um ato de entrega, despojamento e fé.

Entendo que, sobretudo a poesia, serve em primeiro lugar ao poeta, porque escrever poesia é um impulso individual. Ninguém ouviu de seus pais na infância: “Meu filho, quando crescer, seja um poeta”. Ser ou não um poeta não depende de uma determinação externa, de uma formação acadêmica, ou mesmo de uma escolha pessoal. A poesia e a prosa servem, antes de tudo, para salvar o escritor. A literatura salva o escritor de seus fantasmas à medida que o ajuda a organizá-los, através de imagens, de metáforas e símbolos curadores, que o traduzem e o libertam, pela beleza. A literatura salva o escritor quando o obriga a transformar sua dor caótica em símbolo, em palavra essencial, em síntese.

O escritor, no seu processo lúdico de buscar imagens, na sua garimpagem de palavras para traduzir sua visão de mundo, inevitavelmente, revê e refaz, de alguma maneira, sua própria história, seu armazém pessoal de símbolos, seu inconsciente. Mesmo que sua escritura se caracterize pelo impessoal, pelo aspecto amplo e universal, a produção do texto sempre libertará o escritor das amarras que sua história e a sociedade lhe impõem. Portanto, a literatura liberta e cura o escritor de si mesmo.

E no momento posterior e fundamental, quando o escritor compartilha, com o leitor ou ouvinte, sua criação, e esse leitor se identifica com o mundo que o criador traz à tona, a literatura amplia suas funções curadora, lúdica, combativa e reflexiva da vida. Expande o território de seu exercício. O olhar do autor se funde ao olhar do leitor, numa complementação de mundos que comove e preenche qualquer solidão. Sendo assim, a literatura também serve para nos unir, para compartilharmos alegrias e indignações, medos e culpas, para educar nosso espírito a enxergar além das aparências, para mudarmos nossa maneira de nos relacionarmos com a vida.

Admito que esta seja apenas uma síntese precária do significado da literatura na minha vida, já que, sua plenitude de ação e os invisíveis desdobramentos do seu poder, nenhuma palavra alcança.

Quero agradecer, entre tantas pessoas e amigos que sempre acreditaram no meu trabalho, à escritora, poeta, contista, dinamizadora cultural e amiga, Laura Esteves, pela indicação do meu nome para fazer parte desta Casa, que congrega notáveis escritores. Agradeço, também, ao ex-presidente desta instituição, o poeta Cláudio Murilo Leal, que me acolheu de maneira carinhosa, bem como ao atual presidente, Cláudio Aguiar, que ratificou o seu abraço de boas-vindas. E, logicamente, aos membros do PEN Clube, por me aceitarem nesse convívio intelectual e de fraternidade. Tenho certe-

za de que o acolhimento do PEN Clube à minha trajetória literária, por me proporcionar um exercício de troca mais íntimo e vivo com meus pares, enriquecerá, sobremaneira, meu olhar e, consequentemente, minha carreira e escritura.

Para encerrar, lerei um poema, extraído do meu livro Loja de Amores Usados, que representa o sumo da minha visão sobre o poder da palavra.

Quero dedicá-lo a todos os presentes e, sobretudo, aos colegas escritores e poetas, àqueles que fazem da palavra o seu ofício.

Carícia ou Desamparo

Pedra ou ponte, a palavra costura ou aparta-me do próximo.
No papel, deitada sobre a página, deflagra-me o universo.
O meu e o do outro.
No livro, a palavra não é ímpeto, como no improvisado da fala.
No livro, revisada, escolhida, oferece-me apenas o perigo da beleza. Que já é bárbaro!
O perigo de me impelir à ousada viagem de ver.
Ver-me, ver aquele que me escreve, ver aqueles que são criados por quem me escreve.
O perigo de ver os mundos fervilhados nas folhas...
E não ser mais a mesma.
No livro, a palavra só ameaça porque me convida
a sair do lugar. A mover-me.
A palavra, estirada na página,
só pode me oferecer o risco do voo.
E o risco de toda viagem, por mar, terra ou verbo,
é sempre o voo.
Portanto, a palavra burilada do poeta, a verve,
vertida em sílabas, do escritor, é sempre bem-vinda,
mesmo quando ameaça.
Sobretudo quando ameaça!
É brinquedo, mesmo quando bélica.
Plástica, mesmo quando revela a feiura do mundo.
Salvadora, mesmo quando mata.
A palavra, pregada nas páginas dos livros,
em aparente imobilidade, está viva.
Contudo, proferida, às vezes agrupa-se tão ágil,
que não há tempo de retocar-lhe o rosto.
E a verdade brota, abrupta. E a mentira enfeita-se, convicta.
Quando proferida, sua ameaça tem natureza diversa
da que deleitamos no leito da página.
Falada, a palavra encorpa-se, cálida ou bélica.
E é carícia ou desamparo.
No entanto, uma vez expelida, segue seu curso reto, irrevogável.

E atira sem revólver, talha sem sangue...
Mata sem vestígios.
Mas também tem o poder de socorrer,
com sua saliva salvadora, qualquer um de nós que, na dor,
encontre alguém com o dom de usá-la como abraço.
Qualquer um de nós que saiba valer-se de sua sonoridade
para adoçar a língua e salvar alguém.
Para salvar-se.
A palavra, quando fala, expulsa da boca um corpo invisível.
Quando fala, a palavra é carne, é gesto.
Mas quando cala, também é forma viva.
Disfarçada de silêncio, no fundo do pensamento,
às vezes grita seu medo de exprimir-se, parir-se.
Grita seus segredos, seu lixo orgânico e suas benfeitorias.
Viva, no caos do pensamento, a palavra inventa o futuro,
retoca o passado, e ensaia o presente - para vivê-lo.
Mas, nesse trajeto do falar ao ouvir,
pode gerar breu ou brilho,
conforme o berço preparado para acolhê-la.
Quem ouve é sempre coautor do que é dito.
A tradução de quem ouve,
seu universo de significados e imagens,
sempre ajuda a escrever paz ou guerra.
No entanto, há de chegar o dia em que,
libertos de escrúpulos e medos, domados pelo afeto,
usaremos bem mais a palavra como beijo.

(*) Discurso de Posse no PEN Clube do Brasil em 12 de maio de 2011.

ADEUS A LEODEGÁRIO

*Leodegário Amarante de Azevedo Filho
em poucas palavras, com admiração e amizade,
rima fácil de Saudade*

Helena Ferreira

Tenho certeza de que quem o conheceu, tanto na seara da pesquisa e da docência quanto no cotidiano do trato e da convivência, jamais dissociará sua figura de três nobres sentimentos que ora sublinho: admiração, amizade e saudade.

Cercado de coincidências etimológicas e toponímicas, ele carregava Portugal no coração e, em especial, sua literatura na alma. Respectivamente luso e galego os sobrenomes Amarante e Azevedo, mas de origem germânica o prenome - de *leut*, povo, e *gari*, lança: *que combate pelo povo* – mestre Leodegário, mesmo diante das viagens linguísticas que seu nome de batismo realizou, só admitia lutar em prol da filologia e da literatura, suas lanças inseparáveis.

Amarante, asta da uva preta tão comum à Bairrada, a região produtora de vinho que mapeia Aveiro e Coimbra, sem falar de sua importância como vila e cabeça de concelho no distrito do Porto, igual nome da cidade que abriga a Universidade Fernando Pessoa, onde recentemente recebeu o título de professor *honoris causa*. (A propósito, um sobrenome tão altissonante e com inúmeros significados – nem todos aqui assinalados – ficou, em seus escritos, reduzido a uma simples abreviatura: **A** ou, às vezes, ao desaparecimento total, talvez por economia de espaço impresso...)

A Camões, sobretudo à sua lírica, dedicou, prática e ingentemente, todo seu labor ensaístico. Descobriu grande parte de seus problemas autorais e textuais e acertou todos os caminhos dessa paixão. Mostrou-se percuciente nas abordagens sobre Pedro Meogo, Padre José de Anchieta, Bocage, Fernando Pessoa, Cecília Meireles, Tasso da Silveira, Clarice Lispector e tantos outros emblemas literários.

E seu devotamento à preparação dos congressos de língua e literatura que semeou durante décadas? Frutos sem-fim todos sabem que ele colheu. Pena que não se verá mais esse abnegado contumaz à cata de patrocínio para realizá-los.

Uma vida fadada ao estudo profundo da literatura, ao pleno exercício da lida acadêmica, quer no Brasil -- mais precisamente na Universidade Estadual do Rio de Janeiro, por onde foi eleito professor-emérito, e na Universidade Federal do Rio de Janeiro no Brasil, nascente de nosso conhecimento, memória de nossa amizade – quer alhures, sobretudo na Galiza e em Colônia.

Não devo estender-me pelo simples fato de ter usado a expressão “em poucas palavras”.

Entretanto, não resisto a reproduzir as palavras do velho amigo que se foi na dedicatória de *Sumarina*, mais um opúsculo primoroso de sua autoria. Ele o qualificou de ficção-ensaio, depois, conto:

Para a queridíssima Helena Ferreira, esta tentativa de ficção-ensaio, em homenagem à memória de Clarice Lispector e Vergílio Ferreira, dois amigos que se foram para o tempo da eternidade. Gostaria de receber sua opinião sobre o texto, pedindo a sua atenção para a última frase do conto. Abraços do velho amigo, fielmente seu! (as.) Leodegário A. de Azevedo Filho. Rio, 2003.

Leodegário, você também foi para o tempo da eternidade. Permita-me parafrasear o poeta: *Mas como dói!*

RESTAURADO PRÊMIO LITERÁRIO NACIONAL PEN CLUBE DO BRASIL 2011

Este ano, ao completar 75 anos de fundação, o PEN Clube do Brasil restabeleceu seu tradicional Prêmio Literário, um dos mais antigos e prestigiosos certames brasileiros, criado em 1938.

Agora, em sua nova fase, será oferecido anualmente a escritores que tenham publicado obra nas categorias Poesia, Ensaio ou Narrativa. Nesta edição, excepcionalmente, será permitida a inscrição de livros publicados entre 1º de janeiro de 2009 a 31 de dezembro de 2010.

As editoras também poderão inscrever livros de seus autores. Os escritores inscritos concorrerão à primeira colocação em cada categoria e receberão troféu denominado “PEN”, especialmente concebido e executado pelo escultor Cavani Rosas, além de valor em dinheiro e certificado.

Eis alguns escritores que, ao longo das décadas passadas, conquistaram o Prêmio do PEN Clube do Brasil: Gastão Cruis ■ Gilberto Amado ■ Brito Broca ■ Antonio Callado ■ Jorge Amado ■ Antonio Candido ■ Dalcídio Jurandir ■ Miécio Tati ■ João Guimarães Rosa ■ Carlos Drummond de Andrade ■ José Condé ■ Fernando Sabino ■ Marques Rebelo ■ Álvaro Lins ■ Cyro dos Anjos ■ José Paulo Moreira da Fonseca ■ Cassiano Ricardo ■ Augusto Meyer ■ José Cândido de Carvalho ■ Dalton Trevisan ■ Josué Montello ■ Nelson Werneck Sodré ■ Rubem Fonseca ■ Homero Homem ■ Octávio de Faria ■ Otto Maria Carpeaux ■ João Cabral de Melo Neto ■ Herberto Salles ■ Eugênio Gomes ■ Adonias Filho ■ Nilo Aparecido Pinto ■ Raymundo Magalhães Jr ■ Emílio Moura ■ Macedo Miranda ■ Autran Dourado ■ Waldemar Lopes ■ Fausto Cunha ■ Alceu Amoroso Lima ■ Érico Veríssimo ■ Odylo Costa Filho ■ Orígenes Lessa ■ Pedro Nava ■ Ledo Ivo ■ Afonso Arinos de Mello Franco ■ Permínio Asfora ■ Alphonsus de Guimaraens Filho ■ Stella Leonardos ■ Antonio Carlos Vilaça ■ Murilo Rubião ■ Pedro Calmon ■ Guilherme Figueiredo ■ Mauro Mota ■ J. J. Veiga ■ Wilson Martins ■ Mário Quintana ■ Carlos Nejar ■ Dinah Silveira de Queiroz ■ Lygia Fagundes Telles ■ Alberto da Costa e Silva ■ Alexandre Eulálio ■ Maria José de Queiroz ■ Dante Milano ■ Josué Guimarães ■ Gilberto Freyre ■ Marcus Accioly ■ Raquel Jardim ■ José Guilherme Merquior ■ Afonso Félix de Souza ■ Barbosa Lima Sobrinho ■ Mário Pontes ■ Moacir Scliar ■ Ivan Junqueira ■ Denise Emmer ■ Antonio Torres e outros...

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS E PEN CLUBE DO BRASIL CELEBRAM CONVÊNIO DE COOPERAÇÃO

A Academia Brasileira de Letras e o PEN Clube do Brasil, celebrando os 75 anos de sua presença conjunta na vida intelectual brasileira, assinaram hoje (8/9/2011) convênio de cooperação destinado ao estreitamento de suas atividades.

Firmaram o documento, pela ABL, o Presidente Marcos Vinícios Vilaça e, pelo PEN Clube, seu Presidente Cláudio Aguiar.

Na cerimônia, realizada no gabinete da Presidência da ABL, Vilaça recordou que, desde a fundação do PEN Clube, muitos membros da ABL integraram a diretoria daquela instituição, assim como também foram acadêmicos vários sócios do PEN.

Segundo Cláudio Aguiar, a assinatura do convênio, "vem também formalizar uma ligação que se estende desde o dia 2 de abril de 1936, quando o PEN foi criado. Naquela data, compareceram à solenidade de criação vinte e um e dos 25 acadêmicos da ABL".

O Acadêmico Geraldo Holanda Cavalcanti destacou a importância da gestão desempenhada pelo Presidente Cláudio Aguiar, fato auspicioso que assinala o começo de um novo tempo para a entidade.

Além dos Presidentes, compareceram à cerimônia de hoje membros das duas Diretorias: da ABL, além do Presidente, a Secretária-Geral Ana Maria Machado; o Primeiro-Secretário Domício Proença Filho, o Segundo-Secretário Murilo Melo Filho e o Tesoureiro Geraldo Holanda Cavalcanti; do PEN, o Presidente e a Vice-Presidente Clair de Mattos, e os conselheiros Délio Mattos, Ana Callado, Helena Ferreira, Godofredo de Oliveira e Ronaldo de Freitas Mourão. Os acadêmicos Ivan Junqueira e Antonio Carlos Secchin, também conselheiros do PEN Clube, estiveram presentes, assim como o acadêmico Alberto da Costa e Silva.

BRASIL NO 77º CONGRESSO INTERNACIONAL DO PEN

O PEN Clube do Brasil, representado por seu presidente, escritor Cláudio Aguiar, esteve presente no 77º Congresso do PEN Internacional, realizado em Belgrado (Sérvia) entre os dias 12 a 18 de setembro.

Ao congresso também compareceu a jornalista e escritora, Cecília Costa, Vice-Presidente do Centro brasileiro.

Contando com a presença de quase uma centena de países, o Congresso de Belgrado aprovou dezenas de moções, resoluções e declarações de interesse da comunidade de escritores de todo o mundo.

A seguir, Convivência publica o discurso de abertura do Congresso do Presidente do PEN Internacional, escritor John Ralston Saul e a Declaração sobre a Paz Mundial aprovada no mencionado congresso.

Discurso de John Ralston Saul

Muito obrigado ao PEN Sérvio! Também agradecemos à Vida e a todos os seus membros. Eles organizaram um Congresso maravilhoso. Os participantes deste evento não têm idéia do trabalho que exige a organização de um Congresso como este, as horas consumidas e que poderiam ter sido usadas para escrever. Assim, gostaria de sublinhar a gratidão de todos os que vieram de outros países. Quando dizemos, nós representamos os membros do PEN Internacional, a Literatura e a liberdade de expressão e que não se pode separar uns dos outros, é simplesmente uma forma de expor os fatos. Este é o nosso 90º aniversário. Somos e sempre seremos, a única organização verdadeiramente literária. Fomos nós que inventamos a ideia e a implementação de campanhas pela liberdade de expressão.

Às vezes, o óbvio precisa ser repetido. Há alguns governos, algumas pessoas no poder - aqueles a que George Konrad, um dos nossos ex-presidentes, chamou de "poder profissional" -; que dizem: "Ah ... são apenas escritores, só palavras." E tal afirmação é certa, já que não temos tanques ou bancos ou a capacidade de carregar o fardo de um grande déficit ou apoiar uma grande burocracia. Mas, mesmo se prosperasse a hipótese de que fôssemos somente escritores, qual a razão pela qual cerca de 850 de nossos colegas escritores estão presos no mundo? Por que ainda há escritores que são assassinados com uma regularidade assustadora? Temos este grande poder, a linguagem e a imaginação - através de poemas e peças teatrais, novelas e ensaios - uma grande potência que liberta o espírito do leitor. São com palavras oriundas da imaginação que as pessoas agem.

Ontem, com efeito, me perguntaram: Em verdade, faz alguma diferença que escritores de 89 Centros PEN se reúnam em Belgrado? Esta é exatamente a pergunta acertada.

A primeira resposta é que este Congresso é uma expressão pública de reconciliação. É fato que os escritores nos Balcãs nunca deixaram de se comunicar. No entanto, este Congresso é a evocação formal da imaginação dos Balcãs.

Hoje, os dez líderes dos Centros PEN Balcans sentaram-se juntos no mesmo palco e criaram a Rede dos Centros Balcãs do PEN Internacional. Os membros fundadores são PEN Bósnia, Bulgária,

Croácia, Kosovo, Macedônia, Montenegro, Romênia, Sérvia, Eslovênia e Turquia. Este é um evento histórico. É uma mensagem ao mundo.

A segunda resposta é que a reunião de centenas de escritores de diferentes partes do mundo é importante porque representa uma força da imaginação e da transparência. Nossa bandeira está clara. Acreditamos num movimento ilimitado pela liberdade de expressão. Da mesma forma, acreditamos que não importa quão controversos ou difíceis sejam as nossas palavras, porque o objetivo final é unir as pessoas. O grande escritor sérvio/canadense, David Albahari, acertou quando escreveu que "o conhecimento nunca pode alcançar o poder da ignorância." Isso é verdadeiro. No entanto, a imaginação pode chegar à ignorância. Permitam-me dar um exemplo: Quando um jornalista de rádio pouco conhecido é assassinado no México – o país mais perigoso hoje em dia para escrever – deixam, nas palavras de Ivo Adric "uma lembrança mais leve e mais durável do que as memórias de muitas outras vítimas importantes."

Este ano, nosso ex-presidente, Mario Vargas Llosa, ganhou o Prêmio Nobel de Literatura. E o nosso Presidente Fundador do Centro PEN independente chinês, Liu Xiaobo, ganhou o Prêmio Nobel da Paz. Dois homens de coragem. Dois mestres da imaginação. Um deles, o chinês, permanece preso injustamente. Além disso, muitos outros Centros PEN foram o foco central dos recentes acontecimentos e protestos no mundo árabe. Em alguns casos, estes centros já estão em processo de reconstrução da sociedade civil em seus países.

A parte central do trabalho que fazemos é a seguinte: a imaginação e a transparência resultante da imaginação, e a aceitação da complexidade – e tudo isso vai por cima e abaixo da política. É qualquer coisa, menos política. Em uma sociedade sem democrática da imaginação, podem ser implantadas mentiras como uma linguagem. A propósito disse Danilo Kiš: "Quando todos mentem, ninguém mente."

Vivemos em um tempo de memórias abertas, memórias que não contradizem as pessoas, nem jogam umas contra as outras. Representamos uma ideia aberta de como as pessoas podem viver juntas e em harmonia.

Este é o 77º Congresso. O Congresso de 1933, em Dubrovnik, foi organizado por este Centro sérvio. Foi um Congresso complexo, mas um momento histórico para PEN. Nos enfrentávamos com as forças crescentes do autoritarismo, inclusive dentro de nossos Centros. As divisões da sociedade europeia tornaram-se em divisões do PEN. Nosso presidente, um grande escritor, H. G. Wells, mas também um anti-semita com visão publicamente confusas, se encontrou numa atmosfera de divisões impossíveis. Porém, apesar dessa visão lamentável, Wells e os delegados encontraram uma forma de estar juntos com imaginação e transparência, e, portanto, contra o autoritarismo.

Em 1933 encontramos uma figura ética. Tudo isso muito antes de que qualquer governo demonstrasse alguma posição. Desde então, a cada Congresso, esses padrões éticos têm sido uma diretriz de trabalho que seguimos no PEN. Eu penso que a forma de conduzir com liderança e virtude em Dubrovnik, como adotou Wells, foi a forma adequada para entender a ética do PEN. Foi um momento nobre para ele e para o PEN.

Sempre haverá aquelas pessoas que pensam que é possível retirar, publicamente, do escritor a sua independência. Eu acho que os próximos anos serão difíceis. Nos cercam muitas forças fortes e negativas. Mas o sentido do PEN é simples: nossa principal força ética é a independência de nossa

imaginação e criatividade. E hoje já estamos conscientes e sabemos o que isso significa. Principalmente porque durante 90 anos, temos defendido essa independência. Hvala! (Obrigado)

Declaração sobre a Paz Mundial

Vivemos em uma época em que a ideia de paz é atribuída em sentido lato e sistêmica. A paz é concebida como a capacidade de enfrentar conflitos e uma vontade de campo aberto à violência potencial em formas de diálogo, apesar das dificuldades envolvidas em tal abordagem.

Assim, nossa missão como escritores é complexa, porque devemos promover uma cultura de paz não só mediante nossos escritos, mas, também, como simples cidadãos do mundo. Onde quer que haja colonização, opressão ou ocupação ilegal, a injustiça e a violência, seja qual for a forma que assuma, a paz torna-se um desafio que devemos assumir com vistas a promover o poder dos cidadãos afrontados pela brutalidade dos sistemas arbitrários.

Por isso, salientamos a necessidade urgente de adoção de uma solução viável e negociada entre todas as partes envolvidas em Israel e na Palestina, para que seus povos possam viver em autodeterminação, liberdade, paz e segurança. A solução deve ser negociada para as regiões onde o respeito pelos direitos civis e autodeterminação não pode prevalecer até que um acordo for alcançado pelas partes em conflito.

Ao mesmo tempo, estamos convencidos de que a solução para os conflitos culturais, linguísticos, étnicos, sociais e políticos no Tibete, na terra dos uigures, curdos e bascos, nos Balcãs, no México, e em tantos outros países não pode ser encontrada sem diálogo.

A Declaração de Lugano de 1987, aprovada no Congresso do PEN Internacional de 1950, diz: "Não pode haver liberdade sem paz, nem paz sem liberdade". Ela também afirma que "o terrorismo deve ser condenado, se ele é praticado por estados ou pessoas físicas ou se afirme ser justificado no âmbito de uma luta de libertação."

Nosso século também deve prestar atenção urgente à forma violenta pela qual a especulação financeira provoca o empobrecimento de grande parte da população mundial, bem como o aumento da exploração dos recursos naturais, comprometendo o clima global e os ataques violentos contra a natureza e o meio ambiente. É neste sentido que o compromisso de fazer a paz deve ter sempre um aspecto político, sobretudo, à medida em que é público, mas deve, igualmente, ser parte dos direitos humanos, que têm como objetivo a autodeterminação responsável e cooperada. No entanto, alimentamos a profunda convicção de que todos os Centros PEN nacionais e, principalmente, seus membros, devem condenar o terrorismo e a violência em todas as suas formas. Em verdade, é exatamente por isso que o PEN mantém vivo o símbolo da "pena que vence a espada".

REVISTA CONVIVÊNCIA (1973-2000)

Ao longo de 27 anos a Revista Convivência teve, em sua primeira fase, onze (11) números publicados.

Apesar disso, como se poderá verificar no exame de toda a coleção de Convivência, mesmo sem ter conseguido manter periodicidade regular, o conteúdo das publicações, a julgar-se pelo sumário de cada número, transcritos abaixo, constitui riquíssimo repositório, vez que as colaborações sempre abordaram temas de real interesse e foram assinados por autores de reconhecida idoneidade intelectual. Essa circunstância deu à Revista merecido reconhecimento e prestígio entre seus leitores.

A seguir, publicamos os sumários dos textos publicados nos onze (11) números de *Convivência* que integram a primeira fase:

Nº 1 (Ano 1, nº 1, Novembro 73)

- 1 A Rui Barbosa
- 2 Sentido e mensagem do PEN Clube, *Marcos Almir Madeira*
- 9 Rui, uma presença, *Antonio Carlos Vilaça*
- 13 Convivência, *Austregésilo de Athayde*
- 14 Heinrich Böll Agradece a mensagem do Centro Brasileiro
- 17 Camões e Modernismo Brasileiro, *Gilberto Mendonça Teles*
- 38 Visão Africana dos Direitos Humanos, *Henri Senghor*
- 47 O Poema e a Chave, *Homero Senna, Cleonie Berardinelli, Fernando Py, Simone de Oliveira e Eliane Zagury*
- 61 Circunstância de Eça de Queiroz, *Viana Moog*
- 67 O romance italiano de hoje, *Ludovico Baratieri di San Pietro*
- 77 Do ângulo da crise, *Pedro Calmon*
- 82 Não há imperialismo brasileiro, *Arthur César Ferreira Reis*
- 86 Cenários regionalistas do Brasil mediterrâneo, *Benedicto Silva*
- 96 Esplendores da poesia de 1972, *Octavio de Faria*
- 99 Paul Valéry, *Louis El-Ghouni*
- 102 Arquivos literários, *Raul Lima*
- 105 Adelino Magalhães... Precursor, *Joaquim Inojosa*
- 108 A última vez no PEN
- 110 As notícias

Nº 2 (Anos 73/74)

- 1 O humor proustiano, *Marcella Mortara*
- 8 Sobre o humanismo de Jacques Maritain, *Carlos Chagas Filho*
- 17 Presença do português no papiamento, *Orígenes Lessa*
- 24 Migalhas da história, *Augusto Fragoso*
- 32 Raízes e renovação da literatura argentina contemporânea, *Bella Jozef*
- 43 Aspectos literários da Bíblia, *Benjamin Moraes*
- 49 D. Pedro I, Imperador Constitucional, *Thomas Leonardos*
- 52 Um problema à espera de solução, *Octavio Alves Velho*
- 55 Educação e Aculturação, *Faria Góes Sobrinho*
- 60 Evocações
- 61 A vida e a morte em Cassiano Ricardo, *Cândido Mota Filho*
- 64 Antonio da Silva Mello, *Antônio Houaiss*
- 68 Os humildes e sua epopeia na obra de Marques Rebelo, *Ivan Cavalcanti Proença*
- 74 Joracy Camargo reclama um biógrafo, *R. Magalhães Júnior*
- 77 Em honor de Levi Carneiro, *Alberto Ruiz Eldredge*
- 80 A nostalgia da morte na poesia de Edson Regis, *Fausto Cunha*
- 85 Meu cliente Agripino Grieco, *Granadeiro Neto*
- 90 A metapoesia de Nilo Aparecida Pinto, *Alice F. L. Cafezeiro*
- 93 Macedo Miranda: romance realidade, *Ivan Vasconcelos*
- 95 Claudio de Souza e as mulheres fatais, *Crésio Coimbra*
- 99 Arthur Janes Seymour, um poeta da Guyana, *Maria Helena Kopschitz*
- 102 Machado de Assis e a Rua do Ouvidor, *Marcos Almir Madeira*
- 106 As notícias

Nº 3 (Ano 3, 1974/75)

- 6 Vanguarda Europeia e Modernismo Brasileiro, *Gilberto Mendonça Teles*
- 23 Prêmio Nobel, 1975: Eugenio Montale, o poeta que parte sempre da realidade, *Wanda Cianci Baptista*
- 25 O supersônico na poética de Cassiano Ricardo, *Helena Parente Cunha*
- 30 Línguas que insistem em nascer, *Paulo Rónai*
- 33 Rilke e a convivência com a morte, *Walter Benevides*
- 46 Uma perspectiva de modernidade em Camilo Castelo Branco, *Terezinha Costa Val*
- 52 Os empregados públicos na obra de Machado de Assis, *Cândido Jucá (filho)*
- 66 O impressionismo e a obra de Raul Pompéia, *Sônia Brayner*
- 81 Os 120 anos de Babicka: de Bozena Nemcova, *Maura de Senna Pereira*
- 85 Educação e literatura, *Alberto Venâncio Filho*
- 88 Singularidades da colonização portuguesa, *Francisco de Paula Souza Brasil*
- 99 A Europa vista por brasileiros, *Homero Senna*
- 101 Rui Barbosa, *Robert Scott Buccieuch*
- 106 O bretão e o baiano, *Marcos Almir Madeira*
- 111 Ivan Lins, *Barbosa Lima Sobrinho*

- 125 Juarez Távora, *Augusto Fragoso*
- 137 O legado de Érico Veríssimo, *Josué Montello*
- 138 Murilo Mendes, *Antonio Carlos Villaça*
- 140 Evocação de Povina Cavalcanti, *Valdemar Cavalcanti*
- 142 Arquivos de Convivência

Nº 4 (1976/77)

- 3 O romance brasileiro contemporâneo, *Wilson Martins*
- 10 Em torno dos direitos humanos, *Marcos A. Madeira, John Dexter e George Mac Clenahan*
- 19 Gilberto Freyre Escritor, *Marcos Almir Madeira, Antonio Carlos Villaça, Valdemar Cavalcanti, Pedro Dantas*
- 40 Cultura e censura, *Octávio Alves Velho*
- 44 O romance italiano, *Amélia Sparano*
- 51 Cantigas a Maria, *Aila O. Gomes e M. H. Kopschitz*
- 56 O que é o que não é de Camões em sua Lírica, *Leodegário A. de Azevedo Filho*
- 63 Mário Vargas Llosa, *Bella Jozef*
- 69 Na galeria de honra do PEN, *Marcos Almir Madeira*
- 73 O livro na memória do tempo, *Zora Seljam*
- 76 Lyra Tavares sucede a Juarez Távora no PEN Clube do Brasil, *Marcos Almir Madeira e Aurélio Lyra Tavares*
- 87 Um aspecto do romance brasileiro, *Antonio Olinto*
- 90 O símbolo nas artes plásticas, *Mons. Guilherme Schubert*
- 101 Flashes da memória, *Maurício Nabuco e Yeda Octaviano*

Nº 5 (1979/80)

- 3 Tristão da Cunha ou a vida bem vivida, *Walter Benevides*
- 15 O quarto do Pai Goriot – Um realismo significativo, *Maria Therezinha Aréas Lyra*
- 21 Clarice Lispector: a angústia existencial, *Bella Jozef*
- 31 Evolucionismo e culturalismo em Tobias Barreto, *Maria José Wehling*
- 52 Introdução à alma espanhola, *Marcos Almir Madeira*
- 56 Jornal Literário, *Valdemar Cavalcanti*
- 60 Imagens e sonhos, *Homero Senna*
- 62 A Rachel Jardim, *Antonio Carlos Villaça*
- 67 A Mário da Silva Brito, *Guilherme Figueiredo*
- 69 Ivan Lins, *Mário da Silva Brito*
- 73 Odilo Costa, Filho, *Homero Homem*
- 87 A Homero Homem, *Alphonsus de Guimarães Filho*

Nº 6 (Ano 9, Dezembro 82)

- 1 In Memoriam
- 2 Ao PEN Clube, *Dinah Silveira de Queiroz*
- 4 *Cem anos de Solidão: uma narrativa espetacular*, *Selma Calasans Rodrigues*
- 11 Communication de masse et litterature, *Georges Emanuel Glancier, Presidente de Honra do PEN Clube da França*
- 13 Stefan Zweig, *Bella Jozef*
- 20 Dostoievski, *Nelson Melo e Souza*
- 26 Visão do homem e do mundo na poética de Murilo Mendes, *Maria Lúcia Aragão*
- 33 Antecipações realistas em Alencar, *Pedro Lira*
- 44 João do Rio ou João da Rua, *Helena Parente Cunha*
- 50 Vinicius de Moraes e uma receita de mulher, *Telenia Hill*
- 56 A poesia de Vitto Santos ou o itinerário do ser, *Antonio Carlos Villaça*
- 58 Gonzaga e a Inconfidência, *Lúcia Helena*
- 67 História e valoração, *Arno Wehling*
- 71 Arte e Ideologia, *Dalma Braune Portugal do Nascimento*
- 86 Um filósofo das letras, *Homero Senna*
- 89 Amor e o amor a natureza em Garret, *Angélica Soares*
- 102 O grotesco na ficção brasileira contemporânea, *Sônia Salomão Khéde*
- 108 Um parentesco surpreendente: Proust e “Azorin”, irmãos edipianos, *Helena Ferreira*
- 110 Nota sobre o regime do hiato, da sinalefa e da elisão na passagem do século XV para o século XVI, *Leodegário A. de Zevedo Filho*
- 114 Roland Barthes e o prazer da imagem, *Olívia Barradas*
- 117 Pontes de Miranda e o nominalismo sociológico, *Francisco de Paula Souza Brasil*
- 124 Vida, vocação, estilo, *Marcos Almir Madeira*
- 129 Novos colaboradores

Nº 7 (Ano 9, Abril 83)

- 1 A Dinah Silveira de Queiroz, Valdemar Cavalcanti e Haroldo Bruno o PEN Clube
- 2 Presença de Valdemar, *Rachel de Queiroz*
- 4 Haroldo Bruno, *Gilberto Freyre*
- 5 Dinah, A. C. *Villaça*
- 6 Situação da Literatura Brasileira, *Assis Brasil*
- 12 *Ópera dos mortos e Uma rosa para Emily*, *Lygia Maria Ponde Vassallo*
- 27 Ave, monge poeta, *Antonio Carlos Villaça*
- 32 Pau-Brasil, a metáfora real de uma época, *Lúcia Helena*
- 42 Walter Benevides, talvez o último virtuose do ensaísmo brasileiro, *Haroldo Bruno Filho*
- 44 A palavra do Acadêmico Carlos Chagas Filho
- 53 Ao autor d’O minuto que vem’, *Antônio Houaiss*
- 62 O PEN Clube e “a liberdade de criar, de dizer, de ser”

- 65 Uma teoria da arte literária, *Marcos Almir Madeira*
 67 Nenhuma profissão pode dispensar a literatura
 75 O jornalismo contemporâneo está no pólo oposto ao da arte de escrever
 79 Mário Pontes, como eu o vejo, *Rachel Jardim*
 82 Sobre a amizade, *Telenia Hill*
 87 A uma professora escritora, *Josué Montello*
 91 Entre Quixadá e Miracema, *Marcos Almir Madeira*
 95 PEN: “Um clube ecumênico em que o patrulhamento ideológico não tem hora nem vez”
 99 ...Uma atualíssima questão... que a vida de Celso Kelly tão bem sintetizou: a da intervenção pública no intelectual
 108 O humano e o social na estrutura do PEN Clube, *Sônia Khéde*
 112 PEN Clube, ilha de paz. Nos seus propósitos estão os mais caros ideais de todo escritor, *Elisa Lispector*
 115 Uma artista da vida, *Telenia Hill*
 121 “Apesar da política”, *Pedro Lira*
 123 A um “poeta-crítico e a um crítico-poeta”, *Helena Parente Cunha*
 128 Versos da circunstância, *Stella Leonardos*
 131 Lirismo e cultura, *Marcos Almir Madeira*

Nº 8 (Ano 9, 1984-1986)

- 12 Cartas e comunicados
 31 As tradições humanísticas de Gorky e a dramaturgia soviética, *Sergei Mikhailov*
 39 Influências e atualidades culturais do mundo árabe, *Antônio Moss*
 44 A literatura alemã na época do nazismo, *Maria José Pereira Monteiro*
 51 Presença do argumento histórico na criação literária italiana, *Amélia Sparano*
 58 A natureza e o exótico na literatura sueca, *Bo Lofregren*
 65 O PEN Clube, minha nova casa, *Pedro Nava*
 68 O poeta e o artista Pedro Nava, *Alphonsus de Guimarães*
 70 Alceu ou o caráter, perfeição de inteligência, *Luis Viana Filho*
 74 Luis Viana Filho o a arte da biografia, *Josué Montello*
 76 Obra e grandeza de Pontes de Miranda, *Raymundo Faoro*
 80 Conceito de ensaio. A propósito de *Os donos do poder*, de Raymundo Faoro, *Barbosa Lima Sobrinho*
 84 Evocação de Roquete Pinto, *Carlos Chagas Filho*
 90 A ensaística de Vianna Moog, *Evaristo de Moraes Filho*
 97 A vocação do escritor, a função do crítico e a missão do intelectual, *José Guilherme Merquior*
 100 José Guilherme Merquior, garantia de uma esperança, *Afonso Arinos de Melo Franco*
 102 Diplomata-escritor. A UNESCO e o PEN Clube, *Mário Vieira de Melo*
 105 Paschoal, o nosso Carlos Magno escritor, *Antônio Fantinato*
 108 O telurismo libertado de Antônio Torres, *Bella Jozef*
 110 Sobre a cultura, *Sílvio Elias*

- 117 Traduções e tradutores, *Jonas Correia*
- 119 Catherine Scott no grupo pioneiro de Londres, *Helena Ferreira*
- 120 A linhagem poética de Augusto dos Anjos, *Reynaldo Valinho Alvarez*
- 124 A literatura dos ossos partidos, *Ronaldo Lima Lins*
- 128 Em tempo de memórias... (mulher no espelho), *Dalma Braune Portugal do Nascimento*
- 135 Prêmio Nacional do PEN Clube – os laureados de 84, 85 e 86
- 137 Poesia, ensaio e romance, *Abgar Renault*
- 139 Mesa galega na *República dos sonhos*, *Nélida Piñon*
- 142 Escritores laureados com o Prêmio Nacional do PEN Clube do Brasil – RJ, *Pedro Calmon*
- 144 Marcos Almir Madeira

Nº 9 (Ano 10, 1992)

- 7 Convivência ressurgue
- 9 Nossos mortos
- 11 Apelo aos russos
- 13 O caso Salman Rushdie
- 14 A poesia de Ribeiro Couto, *Vasco Mariz*
- 26 Haroldo Valladão, *Oscar Dias Corrêa*
- 44 Literatura e cidadania, *Marcos Almir Madeira*
- 48 Criação literária e o exemplo de Elis Lispector, *Clair de Mattos Santos*
- 53 Saudação a Clair de Mattos Santos, *Geraldo França de Lima*
- 59 O PEN Clube e o Patrono Tácito, *Antonio Candido de Mello e Souza*
- 65 Antonio Candido: o escritor no crítico, *Marcos Almir Madeira*
- 69 A casa, o paraninfo e o predecessor, *Gladstone Chaves de Mello*
- 82 Homenagem a Jorge Amado, *Celso Furtado*
- 87 Celso Furtado, *Mário Vieira de Mello*
- 92 Rubem Fonseca, *Emanuel de Moraes*
- 99 Emanuel de Moraes, *Antônio Carlos Villaça*
- 103 Em sucessão de José Cândido de Carvalho, *José Arthur Rios*
- 112 Em louvor de José Arthur Rios, *Marcos Almir Madeira*
- 115 A propósito de Stefan Zweig, *Abrahão Koogan*
- 123 Recebendo Abrahão Koogan, *Antonio Houaiss*
- 127 Um pensador após o outro, *Marcos Almir Madeira*
- 133 Um diplomata a serviço da cultura, *Alberto Venâncio Filho*
- 138 O último livro de José Guilherme Merquior, *Celso Lafer*
- 142 Minha palavra de noviça na Casa Internacional da Poesia e da Prosa, *Martilú Lins Flygare*
- 147 Palavras de gratidão e de apreço, *Regina Bilac Pinto*
- 149 O mundo de nossos dias e o companheiro Afonso Arinos, *Francisco Rezek*
- 153 A um ilustre caro confrade, *Antonio Houaiss*
- 157 O PEN Clube na vida de um editor, *Enio Silveira*
- 165 A um servidor da inteligência brasileira, *Barbosa Lima Sobrinho*

- 169 Por que eu hoje escrevo, *Maria Yeda Leite Linhares*
173 A musa revisitada (Jorge de Lima e o resgate da escrava), *Helena Parente Cunha*
180 Murilo Rubião, *Bella Jozef*

Nº 10 (Setembro, 1999)

- 5 De volta, *Marcos Almir Madeira*
7 Evocação de Goethe no ano do seu bi-centenário
11 Fausto e o dual, *Maria José de Queiroz*
15 Goethe e a história, *Arno Wehling*
20 Litterature et informatique: De La Poesie Eletronique aus Romans Interactifs, *Alain Vuillemin*
30 A literatura ídiche e o PEN Clube, *Samuel Malamud*
37 O pensamento complexo. Concluindo com Fernando Pessoa, *Axel de Ferran*
61 O que devemos a Thomas Jefferson, *José Arthur Rios*
71 A construção da educação, *Arnaldo Niskier*
76 Ciência e poesia. Sobre poemas de Maria Beltrão
79 Tradição e modernidade. A propósito da poesia de Leda Mendes Jorge
82 Ribeiro Couto no seu centenário, *Vasco Mariz*
87 Austregésilo de Athayde, Ionescu e o PEN Clube, *Marcos Almir Madeira*
89 Francisco de Assis Barbosa, *Francisco Iglesias*
100 “A trajetória de um homem público, capítulo do pensamento inteligente deste país”, *Rosiska Darcy de Oliveira*
103 Entre a psicanálise e a literatura, *Bella Jozef*
107 Na “Casa Internacional da Poesia e da Prosa”, *Marialzira Perestrello*
112 Tributo, *Nélida Piñon*
117 Crônica de uma frustração, *Sérgio Corrêa da Costa*
121 Poetry ou poesia, *Antônio Fantinato*
124 Uma arte de contar histórias, *Antônio Olinto*
126 A vida de teatro na vida de Almeida Prado, *Ledo Ivo*
128 Assumindo o meu lugar no PEN Clube do Brasil, *Décio de Almeida Prado*
131 Saudação a Vivaldi Moreira, *Oscar Dias Corrêa*
135 Abgar Renault, *Vivaldi Moreira*
139 Na Casa da Liberdade, *Ricardo Cravo Albin*
145 Saudação a Fernando Gabeira, *Cícero Sandroni*
151 Bernardo Élis, *Fernando Gabeira*
153 Perfis de Adalgisa, *Ana Arruda Callado*
157 Em louvor de uma historiadora de ideias, *Marcos Almir Madeira*

Nº 11 (V. 11, Julho/Dezembro 2000)

- 5 Apresentação
6 Do Estatuto do Centro Brasileiro

- 7 O PEN Clube do Brasil
- 13 O PEN Clube Internacional (Londres)
- 15 Ronald de Carvalho nos meios literários de Paris
- 19 A tradição literária dos jantares no PEN Clube
- 21 O Congresso Internacional do PEN Clube em 1979
- 25 Últimas eleições
- 27 Cultura, sociedade e democracia, *Francisco Weffort*
- 33 A atualidade de Euclides da Cunha, *Celso Furtado*
- 35 Raízes filosóficas do pensamento de Gilberto Freyre, *Anna Maria Moog Rodrigues*
- 41 A latinidade e sua prospectiva, *Cândido Mendes*
- 47 América Latina: identidade e cultura na era da modernidade, *Bella Jozef*
- 51 Barbosa Lima, *Afonso Arinos Filho*
- 59 Anísio Teixeira: uma consciência cristã, *Marcos Almir Madeira*
- 63 Carlos Castelo Branco: um jornalista escritor, *Murilo Melo Filho*
- 71 Autran Dourado e Flaubert: uma análise intelectual, *Maria Theresinha Arêas Lyra*
- 75 Poesia polonesa – ontem e hoje, *Armando Mendes Cadaxa*
- 81 Aspectos da poesia paraguaia contemporânea, *Ivan Junqueira*
- 85 Noche paraguaya, *Marco Aurélio Chaudon*
- 89 Eça de Queirós e Machado de Assis, *Sylvio Lago Júnior*
- 99 A construção das comemorações históricas, *Arno Wehling*
- 103 Espantalhos, *José Arthur Rios*
- 107 Ciência, tecnologia e realidade social, *José Leite Lopes*
- 109 Peregrinação a Clavadel, *Vasco Mariz*
- 115 Um escritor marcado pela cor e pela classe: Lima Barreto, *Clair de Mattos*
- 119 A pedra da Urca, *Carlos Nejar*
- 121 Poeta singular plural, *Francisco Carvalho*
- 125 O poeta e o poema, *Moacyr Félix*
- 127 Noite sobre dia, *Reynaldo Valinho Alvarez*
- 131 Ser ou não ser Deus, *Oscar Dias Corrêa*
- 135 A chuva na mata, *Gabriele D'Annunzio* (Tradução de Amélia Sparano)

(Seguem as imagens das capas dos 11 números)

COLABORADORES

Alcmeno Bastos, doutor em Letras pela UFRJ, pós-doutoramento em Letras pela UERJ, é professor de literatura dos cursos de graduação e pós-graduação da Faculdade de Letras da UFRJ. Publicou os seguintes livros: *A História foi assim: o romance político brasileiro nos anos 70/80*, *Poesia brasileira e estilos de época*, *Introdução ao romance histórico*, além de inúmeros trabalhos publicados no Brasil e no exterior.

Augusto Sérgio Bastos é carioca. Graduado em Administração de Empresas e Engenharia Metalúrgica. É autor dos livros de poemas e ensaios. *O Branco Improvável* e *À Luz da Estante* – Editora UAPÊ (Rio de Janeiro, 2002 e 2010). Publicou também: *Melhores Crônicas de Ferreira Gullar* (organização, seleção e prefácio) – Global Editora (São Paulo, 2004); *Poesia Completa, Teatro e Prosa de Ferreira Gullar* (em colaboração com o organizador geral Antonio Carlos Secchin) – Nova Aguilar (Rio de Janeiro, 2008); *Raimundo Correia* (biografia) – Academia Brasileira de Letras (Rio de Janeiro, 2010). Obras coletivas: seus contos e poemas figuram em 57 antologias.

Carmen Moreno é carioca. Escritora e professora, recebeu 19 prêmios nos diversos gêneros literários. Contista, romancista, poeta e dramaturga. É bacharelada em Artes Cênicas e Educação Artística, ambos pela UNI-RIO. Entre seus livros publicados destacam-se *O primeiro crime*, *Diário de Luas*, *Beijo de cobra*, *Sutilezas do grito* e *O estranho*.

Cláudio Aguiar é cearense. Formado pela tradicional Faculdade de Direito do Recife e doutor pela Universidade de Salamanca (Espanha). Tem cerca de 20 livros publicados, entre os quais se destacam: *Caldeirão*, *A volta de Emanuel*, *Os anjos vingadores*, *A corte celestial*, *Suplício de Frei Caneca*, *A emparedada*, *O comedor de sonhos*, *Os espanhóis no Brasil*, *Franklin Távora e o seu tempo*. Possui obras traduzidas e publicadas em francês, russo e espanhol. Recebeu diversas distinções e prêmios literários nacionais e internacionais. É membro de várias entidades culturais brasileiras, inclusive da Academia Pernambucana de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB)

Geraldo Holanda Cavalcanti é pernambucano. Diplomata, poeta, ensaísta, memorialista e tradutor. Membro da Academia Brasileira de Letras (ABL). Serviu como Embaixador em vários países. Exerceu o cargo de Secretário-Geral da União Latina, em Paris e Presidente do PEN Clube do Brasil. Suas traduções de poetas italianos receberam o Prêmio Internacional Eugenio Montale. Dentre seus livros publicados destacam-se: *O Cântico dos Cânticos – um ensaio de interpretação através de suas interpretações* e *Encontro em Ouro Preto*.

Helena Ferreira nasceu no Rio de Janeiro e licenciada em letras neolatinas pela antiga Faculdade Nacional de Filosofia da ex-Universidade do Brasil, hoje Universidade Federal do Rio de Janeiro. Além de professora de língua e literatura espanhola na Faculdade de Letras (UFRJ), é tradutora, ensaísta e poetisa. A União Brasileira de Escritores/RJ concedeu-lhe, em 2005, o Prêmio "Lygia

Moura Rasi" pela versão espanhola do livro de poemas *Dança do fogo - estudo sobre o desejo*, de Sílvia Jacintho.

Helena Parente Cunha é baiana de Salvador. Estudou Letras Neolatinas na Faculdade de Filosofia da UFBA. Especializou-se em Língua, Literatura e Cultura Italiana em Perúgia, Itália, onde recebeu seu primeiro prêmio literário. Iniciou a vida profissional no magistério na Faculdade onde se graduou. Professora Titular de Teoria da Literatura e, na sua Universidade, alcançou os títulos de Mestrado, Doutorado, Livre-Docência e Pós-Doutorado. Conquistou importantes prêmios de âmbito nacional nas categorias conto e romance. Seu romance *Mulher no espelho* foi traduzido na Alemanha e nos Estados Unidos. Vários contos e poemas de sua autoria integram antologias no Exterior. Possui 26 livros publicados no Brasil, sendo 6 de poemas, 5 de contos e 9 de ensaios.

Ivan Junqueira (1934) é poeta, ensaísta e tradutor, membro da Academia Brasileira de Letras e da Academia Brasileira de Filosofia. Foi também jornalista e crítico literário dos principais jornais do Rio de Janeiro e de São Paulo. Conquistou quinze prêmios literários (Jabuti, APCA, PEN Clube do Brasil, Instituto Nacional do Livro (INL), Biblioteca Nacional e ABL) e sua poesia já foi traduzida para oito idiomas.

Marita Vinelli é ensaísta, conferencista, escritora e poetisa. Diretora Cultural da Sociedade Eça de Queiroz e da Academia Luso-Brasileira de Letras. Membro da Academia Carioca de Letras e do PEN Clube do Brasil e outras entidades culturais. Obras publicadas: *Discursos de posse; Encontro marcado com Eça de Queiroz* (ensaio) e os livros de poesia *No vale verde do meu sonho; Tu chegaste, primavera; Vou cantar até morrer; Meus poemas azuis* (no prelo).

Mirian de Carvalho é carioca. Estudou História da Arte, Educação e Filosofia. Professora de Estética da UFRJ. É poeta, crítica de arte e dedica-se a estudar a Cultura Brasileira. Entre seus livros publicados citam-se: *Cantos do visitante, Teia dos labirintos, metamorfose na Poesia de Péricles Prade, O camaleão no jardim*.

Per Johns é carioca. Ficcionalista, ensaísta, tradutor. Formado em Direito. Foi cônsul da Dinamarca no Rio de Janeiro de 1978 a 1990. Colaborou como crítico literário em vários jornais brasileiros e lecionou literatura nas Universidades de Aarhus, Copenhague e Odense, na Dinamarca. Entre seus livros publicados mencionamos: *A revolução de Deus, Morte na rodovia Galileo Galilei, As aves de Cassandra, Dionísio Crucificado*.

Raquel Naveira nasceu em Campo Grande, MS. Formada em Direito e Letras pela FUCMT. Estudou Língua, Literatura e Civilização Francesas na Universidade de Nancy- França. Mestre em Comunicação e Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, de São Paulo/SP. Entre sua numerosa obra literária, destacamos os seguintes livros: *Via Sacra, Fiandeira, Abadia, Pele de jambo, Casa de Tecla, O arado e a estrela etc.* Recebeu dezenas de prêmios literários, inclusive seu livro *Casa de Tecla* foi indicado para o prêmio Jabuti, da Câmara Brasileira do Livro, em 1999.

Tanussi Cardoso é carioca, formado em Jornalismo, Direito e licenciado em Inglês. Poeta, contista, crítico literário e letrista. Co-editor, juntamente com Glória Perez e Leila Mícolis, da Editora Trote, no Rio de Janeiro. Entre outros livros publicou: *Desintegração*, *Boca Maldita*, *Beco com Saídas*. Participou de diversas antologias de poemas, entre outras, *Poesia Jovem Anos 70*, *Antologia da Nova Poesia Brasileira*, *Poesia Brasileira Século XX*, *Revista Dimensão*, 1983, organizado por Guido Biharinho. Recebeu várias distinções e prêmios literários, inclusive o "Prêmio ALAP de Cultura", outorgado pela Câmara Municipal do Rio de Janeiro, "por sua participação no crescimento e valorização da Cultura no Município do Rio de Janeiro.

NORMAS PARA PUBLICAÇÃO

I – Da natureza de colaboração aceita

De preferência trabalhos originais e inéditos nas áreas ligadas à cultura apresentados em:

1. Artigos ou ensaios resultantes de pesquisa científica ou literária dos mais diversos meios de conhecimento;
2. Discussão teórica (inclusive através de entrevista) que questione a realidade atual e ofereça subsídios à definição de hipóteses suscetíveis de aproveitamento futuro;
3. Estudos críticos (ensaios bibliográficos, resenhas etc.) sobre obras literárias em geral;
4. Abordagem de temas gerais que, direta ou indiretamente, se liguem à alguma efeméride capaz de contribuir para a sedimentação de significativos valores culturais ou literários;
5. Obra ou parte de criação literária oferecida em qualquer gênero.

II - Da apreciação pelo Conselho Editorial

1. Em princípio, Convivência não se obriga a publicar colaborações não solicitadas;
2. As colaborações enviadas, em virtude de pedido, serão necessariamente examinadas pelo Conselho Editorial, que, a depender de cada situação, poderá recorrer a consultores especializados. Nessa hipótese, os autores serão avisados da aceitação ou recusa de suas colaborações através de meio verbal ou por escrito;
3. Quando se fizer imperiosa a eventual alteração de formato ou de conteúdo, o autor será previamente avisado para tal mister, havendo, nesse caso, entre o autor e a Revista, a estipulação de prazo indispensável à realização das modificações;
4. Sob nenhuma hipótese serão efetuados acréscimos ou reduções nas colaborações após o encaminhamento da Revista à gráfica responsável para fins de impressão; e,
5. A Revista não se obriga a devolver ao autor textos em papel, CD's, outros meios físicos ou eletrônicos referentes à colaboração aceita ou recusada.

III – Da forma de oferecimento das colaborações

1. As colaborações, oferecidas em português, castelhano ou outro idioma, a depender de prévio acerto com o Conselho da Revista, deverão ser enviadas em CD's, sempre acompanhados de três (3) cópias em papel, em espaço duplo, nunca excedendo ao limite de 20 mil caracteres, gravados em Microsoft Word, na fonte Times New Roman, tamanho 12.
2. As notas devem ser reduzidas ao mínimo indispensável e poderão constar no respectivo pé de página, de preferência, atendendo ao critério de substantividade e não necessariamente ao bibliográfico;
3. As referências bibliográficas serão, obrigatoriamente, oferecidas no final da colaboração, em ordem alfabética, pelo último sobrenome do autor, observadas as normas técnicas usuais. Recomenda-se o emprego dos critérios bibliográficos estabelecidos pela ABNT.

IV – Do direito autoral

Em princípio, quando não houver outra forma de pagamento de direito autoral ajustada entre o autor e a Revista, aquele concorda em receber seus direitos mediante a remessa por Correios ou entrega de exemplares, sendo a quantidade fixada pelo Conselho Editorial, em função da tiragem e do preço de capa, quando estabelecido.

